

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

JÚLIA CORRÊA DA ROCHA

**A CURADORIA DO SUPLEMENTO CULTURAL:**  
Análise da gênese do caderno *PrOA*, de *Zero Hora* (2014- 2015)

Porto Alegre

2015

JÚLIA CORRÊA DA ROCHA

**A CURADORIA DO SUPLEMENTO CULTURAL:**

Análise da gênese do caderno *PrOA*, de *Zero Hora* (2014-2015)

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Orientadora: Profª Dra. Cassilda Golin Costa

Porto Alegre

2015

JÚLIA CORRÊA DA ROCHA

**A CURADORIA DO SUPLEMENTO CULTURAL:**

Análise da gênese do caderno *PrOA*, de *Zero Hora* (2014-2015)

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Cassilda Golin Costa

Conceito final:

Aprovada em: de julho de 2015

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Cláudia Gruszynski

---

Prof<sup>o</sup> Me. Everton Terres Cardoso

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Cassilda Golin Costa

Porto Alegre

2015

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Nelson e Luciane, por todo o amor e por toda a base que me proporcionaram para que eu pudesse chegar aqui.

Agradeço às minhas irmãs, Elisa e Márcia, por serem minhas maiores parceiras.

Agradeço ao meu namorado, Fernando, e à minha melhor amiga, Renata, pelo incentivo, pelo apoio e pela compreensão que me deram durante o período de produção desta monografia.

Agradeço à minha orientadora, Cida Golin, por ter iluminado minha trajetória acadêmica e, com sua paciência, ter possibilitado a devida realização deste trabalho.

Estendo este agradecimento ao nosso grupo de pesquisa do Lead, pela inequívoca troca de conhecimentos que se origina em cada um de nossos encontros.

Agradeço também aos meus professores e colegas da Fabico, que acompanharam meu amadurecimento diário nestes quatro anos e meio de convívio e de aprendizado.

Por fim, agradeço à equipe do *PrOA*, em especial aos editores Cláudia Laitano e Carlos André Moreira, pela atenção disponibilizada para o esclarecimento de meus questionamentos sobre o caderno.

## RESUMO

Esta monografia estuda a atuação jornalística do caderno dominical *PrOA*, de Zero Hora, a partir da análise editorial do suplemento. O objetivo geral do trabalho é identificar e compreender a perspectiva perita construída pelo caderno em seu período de gênese, entre os anos de 2014 e 2015. Estabelecemos como objetivos específicos mapear as peculiaridades do caderno considerando sua inserção na tradição de suplementos culturais de ZH; apreender a visão e os valores de seu corpo editorial para a compreensão do contexto e dos aspectos de formação do suplemento; apontar os principais temas, ganchos, valores-notícia e gêneros jornalísticos presentes na amostra selecionada para a análise editorial da publicação; e identificar a autoria e a fonte dos conteúdos do caderno, tendo em vista a constituição histórica dos suplementos como espaços divididos entre a produção jornalística e a intelectual. Para atingirmos os objetivos propostos, utilizamos o método da entrevista em profundidade para a obtenção de informações com os editores do caderno, Carlos André Moreira e Cláudia Laitano. Posteriormente, elegendo como corpus 12 edições representativas do seu primeiro ano de circulação, dentro de uma amostra mensal alternada, utilizamos como método a análise de conteúdo para identificarmos índices editoriais do suplemento. Na etapa da revisão teórica, discutimos questões relativas ao campo jornalístico e apresentamos uma conceituação dos suplementos culturais, buscando, também, efetuar uma breve retomada histórica de tal formato no Brasil. No segundo capítulo, quando fazemos uma apresentação e uma caracterização do caderno *PrOA* a partir, sobretudo, das informações obtidas nas entrevistas com os editores, observamos que o suplemento busca atuar em um sentido de curadoria de temas atuais e que busca expandir o vínculo geográfico com o local, algo prezado pelo caderno que o antecedeu. No último capítulo, com base nos dados revelados pela análise de conteúdo da publicação, concluímos que o *PrOA* privilegia temas ligados à política e ao comportamento, atuando como um receptáculo de novas tendências e condutas sociais que se operam na atualidade.

Palavras-chave: jornalismo cultural. Suplemento cultural. Sistema perito. *PrOA*. Zero Hora.

## **ABSTRACT**

The present thesis studies the influence in journalism of the Zero Hora newspaper Sunday magazine PrOA, from the viewpoint of the editorial analysis of the supplement. The general objective of the work is to identify and understand the expert perspective created by the publication in its beginning, between years 2014 and 2015. We decided, as specific objectives, to map the peculiarities of the publication, considering its insertion in the tradition of Zero Hora cultural supplements; to apprehend the vision and the values of its editorial team in order to understand the context and aspects of the development of the supplement; to map the main themes, hooks, news values and genres of journalism present in the sample selected for the editorial analysis of the publication; and to identify the authorship and the source of the publication contents, in light of the historical constitution of supplements as spaces divided between the production of journalism and intellectual production. In order to achieve the proposed objectives, we employed the method of depth interview for the acquiring of information from the publication editors, Carlos André Moreira and Cláudia Laitano. Subsequently, picking out as corpus 12 representative editions of its first year of circulation, within an alternate monthly sample, we employed content analysis as a method to identify editorial indexes of the supplement. In the theoretical review phase, we discussed questions related to the field of journalism and presented a conceptualization of cultural supplements, also endeavoring to bring about a brief historical return of such format in Brazil. In the second chapter, when we make a presentation and a characterization of the PrOA publication, mainly from the viewpoint of the information obtained from the editors' interviews, we observed that the supplement aims to act in a sense of curatorship of present themes and aims to expand the local geographical link, something appreciated by the publication which preceded it. In the last chapter, based on data revealed by the content analysis of the publication, we concluded that PrOA favors themes linked to politics and lifestyle, functioning as a recipient of new tendencies and social conducts that operate at present times.

Keywords: cultural journalism. Cultural supplement. Expert system. PrOA. Zero Hora.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 Capa última ed. Cultura .....	37
Figura 2 Capa primeira ed. PrOA .....	37
Figura 3 Exemplo de solução gráfica 1 .....	38
Figura 4 Exemplo solução gráfica 2 .....	38
Figura 5 Configuração atual da página online do caderno .....	39
Figura 6 A seção "Arquivo PrOA" .....	39

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 Lista de colunistas fixos do caderno.....	35
Tabela 2 Relação de colaboradores acadêmicos.....	53

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 Distribuição temática das matérias de capa do caderno.....	45
Gráfico 2 Ganchos jornalísticos mais frequentes .....	48
Gráfico 3 Valores-notícia mais frequentes .....	50
Gráfico 4 Autoria das matérias de capa do caderno .....	52
Gráfico 5 Localização geográfica das instituições do quadro de fontes .....	54
Gráfico 6 Localização geográfica das instituições do quadro de fontes brasileiras...55	
Gráfico 7 Área de atuação das fontes das matérias.....	55
Gráfico 8 Formatos jornalísticos mais frequentes .....	56

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 OS SUPLEMENTOS CULTURAIS .....</b>	<b>12</b>
1.1 Suplementos como sistemas peritos.....	12
1.2 Caracterização dos suplementos culturais.....	15
1.2.1 Autoria e autoridade nos suplementos .....	17
1.3 Percurso histórico dos suplementos no Brasil.....	18
1.4 A tradição dos suplementos culturais de ZH .....	21
<b>2 APRESENTAÇÃO DO CADERNO PROA .....</b>	<b>26</b>
2.1 Entrevista em profundidade .....	26
2.2 Mudanças editoriais em ZH .....	27
2.3 O projeto do novo suplemento .....	29
2.3.1 O nome <i>PrOA</i> .....	32
2.3.2 Equipe e colunistas.....	33
2.3.3 Identidade visual.....	36
2.3.4 Por dentro da rotina do <i>PrOA</i> .....	39
<b>3 ANÁLISE EDITORIAL DO CADERNO PROA.....</b>	<b>42</b>
3.1 Análise de Conteúdo.....	42
3.2 Mapeamento de temas .....	45
3.3 Ganchos jornalísticos.....	47
3.4 Valores-notícia.....	50
3.5 A autoria e a fonte dos textos .....	51
3.6 Formatos jornalísticos.....	56
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXO I – Planilha quantitativa da distribuição temática das matérias de capa.....</b>	<b>66</b>
<b>ANEXO II – Planilha quantitativa de ganchos jornalísticos .....</b>	<b>67</b>
<b>ANEXO III – Planilha quantitativa de ocorrências de valores-notícia.....</b>	<b>68</b>
<b>ANEXO IV – Planilha quantitativa da autoria dos textos do caderno.....</b>	<b>69</b>
<b>ANEXO V – Planilha quantitativa de gêneros jornalísticos.....</b>	<b>70</b>



## INTRODUÇÃO

Este trabalho empenha-se em realizar uma análise do caderno dominical *PrOA*, do jornal *Zero Hora*. O interesse por tal estudo vincula-se com a participação da autora, como bolsista de iniciação científica, na pesquisa *Jornalismo e sistema cultural: estudo da cidade no suplemento Cultura de Zero Hora (2006-2009)*, desenvolvida na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 2014, com a reformulação do jornal *Zero Hora*, o caderno *Cultura* cedeu seu espaço editorial ao *PrOA*. Assim, além do prévio entusiasmo com o assunto, levou-se em conta a possibilidade de gerar, de alguma forma, um encadeamento com a pesquisa ainda vigente.

Em um momento de transformações e de incertezas em relação ao futuro do jornalismo cultural, quando diversas publicações de referência – caso, no Brasil, por exemplo, da revista *Bravo!* e do caderno *Sabático* - deixam de circular, o nascimento de um suplemento de cultura nas páginas de um grande jornal como *Zero Hora* desperta, especialmente, o interesse em investigar o que ainda pode e vem a ser oferecido diante de tal quadro. Considerando que os suplementos estabeleceram-se historicamente como espaços restritos para o tratamento aprofundado de temas, permitindo, assim, o aprimoramento intelectual de seus leitores, é de se questionar o que um caderno inédito como o *PrOA* apresenta, atualmente, para o seu público.

Desde a escolha de seus temas até a forma como os aborda, os suplementos revelam os valores editoriais que os delineiam. As avaliações, seleções e hierarquizações efetuadas indicam o que é visto como assunto relevante e, por se tratarem de páginas dedicadas à área, o entendimento de cultura proposto por cada publicação. Ou seja, constituem-se como espaços restritivos por darem, de distintas formas, visibilidade ou não para determinados assuntos e debates, a partir de critérios de seleção que acabam se naturalizando nas rotinas jornalísticas.

Essa naturalização aproxima os suplementos às ideias de Miguel (1999), que compreende o jornalismo como um sistema supostamente perito, ou seja, um sistema de competência técnica cuja efetividade repousa na crença depositada por seus consumidores. No caso do jornalismo, os leitores e espectadores, que não dominam o processo de produção de informações, confiam na veracidade dos fatos

e na justeza da seleção e hierarquização dos elementos da notícia e da sua escolha diante do leque de outros fatos que poderiam estar em seu lugar. Além disso, uma vez que o jornalismo lida com o conhecimento de outros campos, atua também como um metassistema perito, detendo um poder de legitimação. Nos suplementos, que tradicionalmente concedem espaço para autoridades intelectuais, as quais disponibilizam sua expertise e suas marcas de saber, ocorre, nesse processo, uma troca de prestígio entre o caderno e esses agentes.

Desse modo, considerando tais premissas, estabelecemos como objetivo geral do trabalho identificar e compreender a perspectiva perita construída pelo *PrOA* em seu período de gênese editorial. Como objetivos específicos, procuramos mapear as peculiaridades do caderno considerando sua inserção na tradição de suplementos culturais de ZH; apreender a visão e os valores de seu corpo editorial para a compreensão do contexto e dos aspectos de formação e estabelecimento do suplemento; apontar os principais temas, ganchos, valores-notícia e gêneros jornalísticos presentes na amostra selecionada para a análise editorial da publicação; e identificar a autoria e a fonte dos conteúdos do caderno, tendo em vista a constituição histórica dos suplementos como espaços divididos entre a produção jornalística e a intelectual.

Para atingirmos os objetivos estabelecidos, realizamos entrevistas em profundidade com os editores do caderno, Carlos André Moreira e Cláudia Laitano. Tal caminho deveu-se, sobretudo, à inexistência de uma bibliografia específica e consistente a respeito do objeto escolhido, que impossibilitava a devida compreensão do contexto de produção da publicação. Elegendo como corpus 12 capas do suplemento (anexadas na íntegra em CD), dentro de uma amostra mensal, composta por semanas alternadas, relativa ao primeiro ano de circulação do caderno – de 4 de maio de 2014 a 26 de abril de 2015 – utilizamos como método a análise de conteúdo para identificarmos índices editoriais do suplemento.

No primeiro capítulo, realizaremos uma discussão relativa ao campo jornalístico e uma conceituação dos suplementos culturais, buscando, também, efetuar uma breve retomada histórica de tal formato no Brasil. Após expormos os diferentes momentos da tradição de veiculação de suplementos culturais nas páginas de *Zero Hora*, daremos início ao segundo capítulo, tratando da reformulação

editorial do jornal realizada em seu cinquentenário. Nesta parte, faremos uma apresentação e uma caracterização do caderno *PrOA*, com base nas informações obtidas nas entrevistas em profundidade com os editores. No último capítulo do trabalho, realizaremos, por fim, a análise de conteúdo do corpus selecionado, a fim de encontrar índices editoriais que ajudem a revelar a perspectiva perita construída pelo caderno em seu primeiro ano de circulação.

## 1 OS SUPLEMENTOS CULTURAIS

Neste primeiro capítulo do trabalho, trataremos, inicialmente, de questões concernentes à teoria do jornalismo, dando ênfase, a partir da concepção construcionista, às definições que o compreendem como um sistema perito. Em seguida, teorizaremos sobre as características e peculiaridades dos suplementos de cultura, traçando, também, resumidamente, o percurso histórico destes cadernos no Brasil. Por fim, percorreremos os diferentes momentos da tradição de veiculação de suplementos culturais nas páginas do jornal *Zero Hora*, iniciada nos anos 1960.

### 1.1 Suplementos como sistemas peritos

Por muito tempo, nos estudos jornalísticos, predominou o paradigma positivista, o qual entende as notícias como espelho da realidade. Porém, como relata Traquina (2005, p. 168), “na riqueza da investigação acadêmica sobre jornalismo que surge nos anos 70, emerge um novo paradigma: as notícias como construção”. Tal visão entende que as representações que aparecem na mídia são, na verdade, construções subjetivas da realidade.

Segundo o autor, esse entendimento leva em consideração fatores como a impossibilidade de estabelecer uma distinção precisa entre a realidade e aquilo que é visto na mídia e a inviabilidade de uma linguagem neutra que transmita o significado inerente desses fatos noticiados. Além disso, aspectos organizacionais, como limitações de orçamento, fazem os *media* estruturarem de formas distintas sua representação dos acontecimentos.

Também neste processo de estruturação, aparece um conjunto de critérios que irão definir se determinado fato merece passar pelo tratamento jornalístico. Trata-se dos critérios substantivos dos valores-notícia de seleção, os quais, por distintas razões, acabam por dar visibilidade para um acontecimento em detrimento de tantos outros disponíveis. Notoriedade, proximidade geográfica, relevância, novidade, tempo (continuidade, efeméride e atualidade), notabilidade, imprevisibilidade, polêmica e infração são os principais critérios apontados por

Traquina (2004) no que se refere ao processo de avaliação na escolha de um fato a ser selecionado por cada veículo.

A partir dessa escolha, no seu conteúdo e em seus estilos discursivos, o jornalismo reforçaria constantemente o sentido de não haver um desencaixe real entre o tempo do mundo e o tempo da produção jornalística, estreitamente ligada aos critérios expostos acima. Sendo assim, o “fator temporal tem sido um dos elementos determinantes para a conformação do jornalismo a um conjunto de práticas, princípios e valores integrados em uma instituição social” (FRANCISCATO, 2005, p. 112).

A temporalidade proposta pelo jornalismo, segundo Franciscato (2005), influenciaria a própria percepção da sociedade a respeito da passagem do tempo. O sentido de aceleração de vivência presente na passagem para a era moderna, por exemplo, foi constantemente reforçado pelo jornalismo, não unicamente, mas “conforme uma série de outras inovações e transformações sociais do final do século XIX e início do XX” (FRANCISCATO, 2005, p. 118).

É importante reforçar que tais ideias não apontam o jornalismo como a única instância capaz de determinar a nossa compreensão da realidade. Nossa interpretação do mundo está calcada, também, em valores advindos de diversas outras instituições. Contudo, é inegável o papel proeminente do jornalismo nesse processo, uma vez que:

a instituição jornalística conquistou historicamente uma legitimidade social para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas (FRANCISCATO, 2005, p. 167).

Essa legitimidade está ancorada, principalmente, no valor da credibilidade. Dessa forma, a discussão acima se vincula à noção, explorada por Meditsch (1992), de que o jornalismo é uma forma de produção de conhecimento. O autor lembra que foi recorrente por muito tempo a percepção de que o jornalismo acarretaria uma degradação do saber, por intrometer-se de modo superficial no campo da ciência. Outras abordagens, contudo, passaram a entender que o jornalismo não revelaria mal nem menos a realidade, apenas de modo diferente. Isso porque, devido à sua

inerente função de comunicação, seria o seu papel reproduzir também o conhecimento produzido por outras instituições, aproximando-se a uma prática de mediação social.

Com base nisso, Miguel (1999), corroborando as ideias de Giddens (1991), pensa o jornalismo como sistema perito. São chamados de sistemas peritos aqueles sistemas de excelência técnica cuja efetividade repousa na confiança depositada por seus consumidores. Desse modo, o jornalismo insere-se nesta definição a partir do momento em que se configura como um sistema de competência profissional ao qual é designada a função de disseminar informações. Ou seja, inclui uma prática específica e um produto final, sendo que:

O leitor/ouvinte/espectador, no papel de consumidor de notícias, mantém em relação ao jornalismo uma atitude de confiança, similar à dos outros sistemas peritos, que pode ser dividida em três momentos: 1) confiança quanto à veracidade das informações relatadas; 2) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização dos elementos importantes ao relato; 3) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização das notícias diante do estoque de “fatos disponíveis” (MIGUEL, 1999, p. 199).

A profissão está, portanto, em uma posição privilegiada na sociedade. Sendo capaz de eleger temas, apresentar os fatos relevantes para a sua compreensão e estabelecendo valores apreciativos e interpretativos dessa realidade selecionada e construída, o jornalismo acaba, entretanto, como alerta Miguel (1999), por impor restrições às suas provas de efetividade, sustentadas, em outros sistemas, pela experiência cotidiana. Isso ocorre devido às dificuldades de verificação dos três aspectos salientados acima pelo autor. O leitor de um jornal, por exemplo, dificilmente poderá se deslocar a outra região do mundo somente para conferir a veracidade de um caso relatado pelo jornalista.

De acordo com Miguel (1999), haveria, ainda, outros meios de manutenção (ou não) da crença nos sistemas peritos, aquilo que chama de “metassistemas peritos” - forças reguladoras, organismos e mecanismos, que buscariam proteger os consumidores. Tendo isso em vista, o autor aponta próprio jornalismo como um desses metassistemas peritos, já que, no contato com experiências distintas e diversas que lhe são relatadas pela mídia, o consumidor tem a possibilidade de reafirmar ou não sua crença nos sistemas peritos.

Nessa atuação de mediação social, ao tratar de temas específicos de determinado sistema perito, o jornalismo constantemente convoca fontes de informações para garantir a credibilidade daquilo que expõe. Desse modo, Miguel (1999) aponta que o jornalismo ainda exerce um papel na produção de capital simbólico, à medida que dá a certos indivíduos créditos social, permitindo-lhes ocupar posições de autoridade em determinados campos.

As questões discutidas acima remetem, então, à própria compreensão do papel desempenhado pelos suplementos culturais. Entendendo-os como espaços restritos que assumem a condição de selecionar, hierarquizar e tornar públicos determinados temas (GOLIN et al., 2014, p. 2), torna-se possível percebê-los enquanto configurações de caráter perito. Como veremos a seguir, os suplementos, produtores privilegiados de sentido, procuram levar, a um público bem demarcado, temas, eleitos entre tantos outros, que são mostrados como os mais latentes a serem discutidos por autoridades do assunto em questão.

## **1.2 Caracterização dos suplementos culturais**

Os suplementos culturais, como o nome indica, são cadernos que desempenham papel suplementar nos jornais. São, portanto, partes extras, sem as quais os jornais permanecem ainda completos. Historicamente, como veremos adiante, atuam em um sentido de mediação, indicando ao seu público uma direção a seguir em um campo cultural abarrotado de produções, ideias e debates. É desse modo que, segundo Golin et al. (2014), os suplementos tornam-se produtores privilegiados de sentidos para a interpretação da cultura e da memória de uma sociedade, conformando-se, portanto, como mapas do pensamento e dos valores de uma época.

Cardoso (2009, p. 138) avalia que estes cadernos configuram-se como “um espaço no qual o jornalístico tem suas definições e delimitações praticamente destruídas”. O processo de produção realizado nos suplementos, por exemplo, costuma privilegiar temas que não estão ligados, necessariamente, aos ganchos noticiosos, imprescindíveis em outras editoriais dos jornais. Além disso, diferentemente do que ocorre nas páginas de “hard news”, nessas publicações, “a

temática recebe uma roupagem analítica, interpretativa, crítica, e, é claro, autoral, centrada muitas vezes na reflexão filosófica” (BASSO, 2007, p.3).

Golin et al. (2013, p. 109) reforçam tal perspectiva, considerando que “o suplemento carrega consigo parte do conceito etimológico da revista, ou seja, o ato da re-vista, de examinar, de inspecionar, pressupondo o exercício da crítica e do ensaio”. Segundo os autores, ao demandar uma fruição mais aprofundada e analítica, os suplementos acabam por romper com o ciclo diário de renovação e de obsolescência. Não é à toa que costumam circular aos finais de semana, quando o leitor pode despender mais concentração e um tempo maior para sua leitura.

De acordo com Gomes (2013, p. 21), “ao servir como guia cultural, não apenas com textos mais aprofundados e literários, mas também abarcando informações de serviço e agenda, os suplementos aproximam o leitor do que há [supostamente] de melhor a ser consumido no mercado cultural”. Função semelhante já é exercida pelos cadernos diários de cultura, só que estes, de forma mais superficial e imediata, apoiam-se, sobretudo, na agenda e no entretenimento.

Não é incomum encontrarmos nas páginas dos “segundos cadernos” matérias que não passam de cópias fidedignas de releases enviados pelas assessorias de imprensa. Em contraste, o papel dos suplementos semanais:

Nunca foi apenas o de anunciar e comentar as obras lançadas nas sete artes, mas também refletir (sobre) o comportamento, os novos hábitos sociais, os contatos com a realidade político-econômica da qual a cultura é parte ao mesmo tempo integrante e autônoma (PIZA, 2011, p. 57).

Quanto a seus leitores, entende-se que os suplementos atraem um público mais restrito e específico do que editorias como os segundos cadernos. Para Santiago (1993, p. 15), “existem leitores do jornal, existem os leitores do suplemento. Aqueles são multidões, estes são alguns amadores”. Trata-se de um aspecto relacionado à própria configuração histórica desse tipo publicação, que se constituiu, originalmente, como um espaço de sociabilidade e de trocas entre agentes do campo cultural, a partir de temáticas pouco abrangentes.

Basso (2007) ressalta que a atividade exercida nos suplementos confunde-se entre a produção e a própria criação, devido a seu aspecto autoral, que foge aos



padrões de linguagem estritamente jornalísticos. Assim, uma vez que nascem apoiados na autoridade de seus colaboradores, normalmente formados por jornalistas ligados ao campo da cultura, intelectuais e acadêmicos notórios, os cadernos carregam consigo uma carga considerável de capital simbólico.

Contudo, por não seguirem, como já vimos, o ritmo efêmero das outras editoriais, os suplementos são tidos, por muitas empresas, como páginas dispensáveis em relação ao produto principal. Como explica Sant'Anna (2008, p. 19), não há, na cultura de muitos gestores, “o hábito de criar ferramentas que traduzam esses valores intangíveis para a linguagem contábil”. Só que, segundo o autor, apesar de não garantir rentabilidade, aquilo que se configura como “capricho de jornalistas”, caso dos suplementos, é capaz de agregar prestígio às publicações.

### **1.2.1 Autoria e autoridade nos suplementos**

Nos suplementos, a questão da autoria e das fontes de informações das matérias desenrola-se de modo peculiar. O já explicitado prestígio que esses cadernos agregam aos jornais deve-se, sobretudo, ao tratamento aprofundado de temas sob a autoria ou a colaboração das “autoridades” que lhe servem de fontes. Golin et al. (2010, p. 138) salientam que “muitos dos acontecimentos do campo artístico que ganham visibilidade no jornalismo são planejados, previstos e anunciados por esses agentes”. Neste cenário, tal como explica Gomes (2013), os colunistas e colaboradores, com a credibilidade do espaço jornalístico, alcançam uma visibilidade para além do circuito onde estão inseridos. Além disso, adquirem meios para levar a um público mais amplo o conhecimento do seu campo de atuação.

Sendo assim, Keller (2012, p. 46) considera que “a relação que se estabelece entre o jornal e seus colaboradores é uma troca: ao mesmo tempo em que ganham visibilidade por terem textos publicados, eles conferem legitimidade à publicação por carregarem consigo saberes específicos de áreas especializadas”. Além disso, é válido lembrar que, historicamente, os suplementos instituíram-se, tal como relata Abreu (1996), como uma forma de inserção dos jovens no mundo literário, os quais buscavam uma indicação de amigo, parente ou conhecido que os “pusse em

contato com um escritor conceituado que colaborasse em suplementos” (ABREU, 1996, p. 25).

Ao abordar as relações de sociabilidade e de cumplicidade existentes especificamente entre universidade, imprensa e mercado editorial, Travancas (2001, p. 131) aponta que os suplementos, “este espaço nobre do jornal para intelectualidade, é também o lugar de disputas, inclusive de prestígio, entre ocupações distintas”. Sem deixar de levar em conta que, neste universo, os profissionais atuam, muitas vezes, em diversos ramos:

Muitos jornalistas escrevem e publicam livros, muitos escritores escrevem em jornais, muitos acadêmicos publicam livros e críticos literários ocupam cargos de decisão em diversas editoras, assim como jornalistas também. Ou seja, é possível falar em papéis profissionais concomitantes. [...] Estes papéis vão determinar uma identidade que significa possuir um conjunto de valores compartilhado por diferentes segmentos. (TRAVANCAS, 2001, p. 134).

Não se pode esquecer, além disso, que, inserida também nesses circuitos, encontra-se uma figura fundamental para a configuração dos suplementos: o editor da publicação. É ele que detém a arbitrariedade na escolha de temas e de pautas e, a partir, muitas vezes, de sua rede de sociabilidade, na escolha dos colaboradores. Seus valores e suas preferências, invariavelmente, deixarão marcas no perfil do caderno.

Depreende-se, a partir das considerações acima, que os suplementos constituem-se, de fato, como uma realidade construída pelos mais diversos agentes. É deles, em grande parte, que depende a escolha do que estará ou não em evidência. Nas páginas dos suplementos, portanto, simula-se estar englobada a gama real de assuntos de interesse de seu público.

### **1.3 Percurso histórico dos suplementos no Brasil**

No Brasil, os anos 1950, com o desenvolvimento dos diferentes campos da sociedade, foram marcados pela “livre expressão de ideias e pelo desabrochar da criatividade em todas as áreas do conhecimento” (ABREU, 1996, p. 14). É neste

momento em que se inicia a proliferação dos suplementos literários nos jornais diários brasileiros.

Antes disso, em meados do século XIX, o jornalismo cultural brasileiro manifestava-se muito ligado à literatura, nos espaços denominados rodapés, usuais nos jornais da época. De acordo com Keller (2012), nos rodapés, era possível encontrar contos, poemas e crônicas, textos leves em comparação com aqueles que, mais tarde, dominariam tais seções.

Com o tempo, o espaço dos rodapés seria ocupado pela publicação de romances em séries, os famosos folhetins, que alcançariam seu auge no final do século XIX. Esse formato, de influência francesa, não deixava de ser, já naquele momento, um atrativo e um diferencial para os jornais. Na passagem do século, contudo, Sodré (1999) explica que ocorre a transição da pequena à grande imprensa, relacionada às transformações que se operavam no país com o avanço das relações capitalistas.

Desse modo, no período da Primeira República do Brasil (que se estenderia até os anos 1930), com a imprensa começando a adotar moldes empresariais e optando por um caráter mais informativo, “técnicas como a reportagem e a entrevista passaram a ser cada vez mais valorizadas, enquanto o folhetim começou a decair” (KELLER, 2012, p. 41). Tratava-se, pois, de um momento em que:

As colaborações literárias, aliás, começam a ser separadas na paginação dos jornais: constituem matéria à parte, pois o jornal não pretende mais ser, todo ele, literário. Aparecem seções de crítica em rodapé, e o esboço do que, mais tarde, serão os famigerados suplementos literários. Divisão de matéria, sem dúvida, mas intimamente ligada à tardia divisão do trabalho, que começa a impor as suas inexoráveis normas (Sodré, 1999, p. 297).

Situado entre a crônica e o noticiário, as críticas de rodapé, segundo Nina (2009), eram assinadas pelos “homens de letras”, os quais cultivavam “a eloquência e a erudição com o intuito de convencer rapidamente os leitores num tom subjetivo e personalista” (NINA, 2007, p. 24). Vale destacar que as transformações que atingiram os jornais impressos acabaram por impulsionar, também, as revistas ilustradas, as quais, de acordo com Keller (2012) foram beneficiadas por novas técnicas de impressão.

Dado que, segundo Sodré (1999), as alterações na imprensa impostas pelas novas relações capitalistas seriam introduzidas lentamente, foi apenas entre os anos 1950 e 1960 que os jornais brasileiros consolidariam sua nova configuração. Como elucida Abreu (1996, p. 16), “a imprensa, que até os anos 30-40 dependia dos favores do Estado, de pequenos anúncios populares ou domésticos e da publicidade das lojas comerciais, teve essa situação alterada”. Neste momento, como relata a autora, os jornais passaram a obter 80% de sua receita dos anunciantes.

É nos anos 1950, também, que ocorre uma fortificação do setor cultural, o qual se torna um dos mais significativos segmentos econômicos do país no momento em que os produtos culturais passam a ser consumidos por um número maior de pessoas, beneficiadas, segundo Gadini (2009), por fatores como o aumento do poder aquisitivo em geral, o barateamento de algumas condições técnicas e a urbanização. É nessa década que “o teatro, o cinema, o rádio, a televisão, o disco, a publicidade, e as editoras foram se estruturando como indústria de massa, para finalmente atingir, nas décadas seguintes, a configuração de uma indústria de bens culturais”. (ABREU, 1996, p. 16).

É este contexto, portanto, que abre espaço para a proliferação dos suplementos culturais, os quais acabam por desempenhar papel relevante para a formação e para o delineamento, ainda que tardios (em comparação à Europa, por exemplo), de uma esfera pública de debates, os quais seriam encabeçados por intelectuais em torno dos produtos e atividades culturais. A presença dessas figuras nos suplementos, segundo Abreu (1996, p. 23), também tornava os cadernos literários “redes de sociabilidade”, fortalecendo, assim, “a estruturação do campo intelectual”.

Entre os diversos títulos que nasceram naquele período, destacam-se o *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, criado em 1956, o qual contava com a contribuição de nomes como Mário Faustino e Ferreira Gullar, e o *Suplemento Literário*, caderno do jornal *O Estado de São Paulo*, idealizado por intelectuais como Antonio Candido e Décio Almeida Prado. Cohn (2011) ressalta que o *Suplemento Literário* “marcou uma renovação no espaço cultural dos jornais brasileiros, tornando-se um modelo para os suplementos que existiram a seguir” (COHN, 2011, p. 88).

Nesse sentido, com o surgimento de novos e qualificados suplementos nos anos seguintes, Piza (2011) considera a década de 1960 como a mais memorável do jornalismo cultural brasileiro. Em síntese, quanto a tal período “áureo” dessas publicações, é possível considerar que:

os suplementos foram um espaço público que acolheu diversas linguagens, abrigou os mais significativos nomes da geração de escritores, poetas, contistas, ensaístas e críticos dessa década, e acolheu os intelectuais das áreas das ciências humanas que não tinham aceitação na universidade brasileira (ABREU, 1996, p. 58).

Seja qual fosse sua configuração, ligada à tradição, às vanguardas, ou próxima a um caráter informativo, os suplementos deixaram um legado importante para a compreensão de um momento próspero do campo cultural do país. Ainda que esse tipo de publicação possa ter perdido parte de sua relevância na vida social contemporânea – seguindo uma série de transformações de hábitos de consumo -, pode-se dizer que ainda existem, ou existiram até recentemente, suplementos de envergadura ao menos semelhante àquela dos jornais daquele tempo.

Em 2010, por exemplo, o jornal *O Estado de São Paulo* reavivou aspectos de seu antigo *Suplemento Literário* nas páginas do caderno *Sabático*, que deixou de circular em 2013. Surgido em 2002, o suplemento *Eu&Fim de Semana*, do *Valor Econômico*, circulando ainda hoje, é exitoso em aproximar cultura, economia e política. *A Ilustríssima*, suplemento da Folha de São Paulo, destaca-se, desde 2010, ao assumir-se como um caderno de perfil sofisticado e cosmopolita.

Finalmente, vale lembrar que o jornal *Zero Hora*, mantendo hoje o caderno *PrOA*, interesse do presente estudo, possui, desde a década de 1960, uma trajetória de suplementos relevantes para a compreensão dos aspectos culturais dos diferentes contextos em que o jornal se viu inserido. Vale, assim, percorrer esses momentos, como faremos a seguir.

#### **1.4 A tradição dos suplementos culturais de ZH**

O jornal *Zero Hora* desempenha, hoje, papel hegemônico na imprensa da cidade e do Rio Grande do Sul. Sendo um dos jornais de maior circulação do Brasil,

com 175 mil exemplares por dia<sup>1</sup>, possui um alcance semanal de 740 mil leitores em Porto Alegre e Grande Porto Alegre.<sup>2</sup>

Como relata Fonseca (2005), o jornal *Zero Hora* foi fundado em maio de 1964, pelo jornalista Ary de Carvalho. Depois da aquisição da Rádio Gaúcha e da fundação da TV Gaúcha, em 1962, o empresário Maurício Sirotsky Sobrinho, alargando seus investimentos, adquiriu, em 1967, 50% das ações do jornal. Ao comprar a outra metade das ações, em 1970, junto com o irmão Jaime Sirotsky, enfim incorporou *Zero Hora* ao grupo RBS, consolidando a empresa “como um conglomerado de comunicação de âmbito regional” (FONSECA, 2005, p. 150).

Não demorou para que o grupo RBS se transformasse na empresa líder de mercado da região, destacando-se por seu modelo empresarial, consolidado a partir dos anos 1980. Como explica Fonseca (2005), se antes as emissoras de rádios e jornais viviam sob a direção de jornalistas e escritores próximos do ramo cultural, nos conglomerados industriais, passam a ser geridos por executivos, para os quais importam menos as implicações sociais, políticas e culturais e mais as necessidades de mercado.

Nesse sentido, entra a preocupação com a captação do maior número possível de leitores. Para isso, elucida Fonseca (2005), são criadas as mais diversas editorias e os mais diversos cadernos e suplementos, de forma a agradar vários segmentos. Assim, quando, para isso, o jornal “buscava investir no jornalismo de colunistas e na lógica fragmentada da edição de cadernos independentes” (GOLIN et al., 2014, p. 4), surge, em 1967, a primeira publicação cultural de ZH.

O *Caderno de Cultura* nasceu em abril 1967, meses antes do contemporâneo *Caderno de Sábado*, suplemento de mesmo gênero do concorrente Correio do Povo. Naquele momento, tratava-se de uma publicação discreta, em contraste às marcas populares que se faziam presentes no corpo principal de ZH, o qual, de acordo com Golin et al. (2013), priorizava notícias de esporte, de polícia, de fatos locais e de

---

<sup>1</sup> Fonte: Instituto Verificador de Circulação (IVC) – Média Janeiro a Julho 2014 - [http://www.advb.com.br/topdemarketing/sistema/uploads/andrea.quintana@zerohora.com.br/Case\\_ZH\\_50\\_anos.pdf](http://www.advb.com.br/topdemarketing/sistema/uploads/andrea.quintana@zerohora.com.br/Case_ZH_50_anos.pdf). Consulta eletrônica realizada em 29 de janeiro de 2015.

<sup>2</sup> Fonte: Estudos Marplan EGM: [http://www.advb.com.br/topdemarketing/sistema/uploads/andrea.quintana@zerohora.com.br/Case\\_ZH\\_50\\_anos.pdf](http://www.advb.com.br/topdemarketing/sistema/uploads/andrea.quintana@zerohora.com.br/Case_ZH_50_anos.pdf). Consulta eletrônica realizada em 29 de janeiro de 2015.

entretenimento, com textos breves e fotos destacadas. Assim, ficava evidenciado o espaço de tensão típico do formato dos suplementos – “entre estar dentro e estar fora” (GOLIN et al., 2013, p. 113).

Desde aquele período, o *Caderno de Cultura* debruçou-se na credibilidade de seus colunistas e colaboradores, formados por críticos de artes e jovens editores interessados em textos qualitativos e na decifração de questões culturais de seu tempo. Como constatam Golin et al. (2013), tais textos, entretanto, não constituíam produções herméticas, pois havia entre os editores a preocupação em aproximar o leitor do discurso dos intelectuais do período, por meio do uso de entrevistas e depoimentos. Além disso, havia o interesse editorial em publicizar o inédito, para além da reafirmação do cânone.

A partir das leituras propiciadas pela análise de conteúdo das edições de 1967 do caderno, Golin et al. (2013) verificaram também o tratamento privilegiado dado à literatura, presente em 42% dos textos publicados naquele ano. É, portanto, a partir da centralidade da criação literária e do homem das letras que o suplemento movimentou-se “em direção à historização das manifestações artísticas, tomando para si a posição de um arquivo que pode ser acessado no espaço de saber estrategicamente construído pelo jornal a fim de fidelizar o leitor” (GOLIN et al., 2013, p. 118).

Assim, o próprio suplemento indicava abertamente a intenção de ser uma publicação colecionável. Como aponta Keller (2012), na chamada de capa da edição de 11 de abril de 1967, o caderno era anunciado como um “lançamento excepcional”, que o leitor “deveria” colecionar, dentro de uma proposta que remetia aos folhetins e rodapés, os quais tinham as páginas onde se inseriam recortadas e guardadas pelos leitores.

De acordo ainda com a autora, o *Caderno de Cultura* de ZH encerrou seu primeiro ciclo em 11 de abril de 1970, com a circulação de sua sexagésima edição. Depois disso, demorariam onze anos para que uma publicação dos mesmos moldes retornasse às mãos dos leitores de ZH. Keller (2012), entretanto, relembra que, nem por isso, páginas dedicadas à cultura e às variedades deixariam de ser vistas no jornal.

Nesse hiato, circularam encartes como o *ZH Variedades*, que, aos sábados, ganhava uma edição especial denominada *Guia*, com foco no serviço da programação do entretenimento, mas que “também abria espaço para matérias mais elaboradas, chegando a apresentar textos sobre cinema, música, quadrinhos, entre outros assuntos” (KELLER, 2012, p. 52). Mais tarde, o caderno daria lugar ao *Segundo Caderno*, publicação cultural diária que circula ainda hoje.

Nesse período, segundo Keller (2012), os temas culturais ganhavam ainda espaço em publicações de fim de semana, como o dominical *Caderno D*, “que trazia reportagens e textos mais aprofundados sobre diversos assuntos” (KELLER, 2012, p. 53). Além desse caderno, circulava também a *Revista ZH*, a qual “normalmente com mais de 20 páginas, podia trazer contos, textos sobre música, livros, dramaturgia, perfis de personalidades, viagens, roteiro com a programação de lazer e ainda temas considerados mais femininos” (KELLER, 2012, p. 53). Já nos anos 1980, *Zero Hora* também lançou o *Caderno de Tevê*, publicação dedicada às telenovelas e seus atores.

É em 3 outubro de 1981 que, assumindo propriamente o antigo espaço do *Caderno de Cultura*, passou a circular mensalmente o *ZH Cultura*. Como recapitula Keller (2012), o novo caderno, em texto publicado na sessão “Informe Especial” daquele dia, foi apresentado ao público com destaque ao seu caráter abrangente, que buscava refletir desde as artes e a literatura até as ciências humanas, com a promessa de não ser fechado e elitista.

O *ZH Cultura* circulou por aproximadamente dez anos. Em 1992, cedeu seu lugar ao caderno *Cultura*, publicado aos sábados, sob o comando inicial dos jornalistas Luiz Zini Pires e Juarez Fonseca. “Passando a sair semanalmente, ele novamente se coloca como ferramenta para o aprimoramento intelectual do leitor, afirmando sua intenção formativa, de contribuir com o debate”. (KELLER, 2012, p. 58).

Em 1998 foi efetuada uma das reformas gráficas pelas quais o caderno *Cultura* passaria (a outra ocorreria em 2010). A pesquisa realizada por Keller (2012) revela-nos um texto do então diretor de redação do jornal, Marcelo Rech, em que descreve o papel desempenhado pelo caderno *Cultura* naquele momento:



O *Cultura* é hoje virtualmente a única válvula de escape na imprensa diária do Estado para apresentar controvérsias e mergulhar nas grandes questões do pensamento mundial. Ele reflete a vitalidade da força intelectual gaúcha, traz à luz para mais de 1 milhão de leitores temas e biografias que, de outro modo, seriam relegados a nichos de discussão, abre espaço para o rico embate de ideias e propicia, sem preconceitos, discriminações ou ranços de qualquer espécie, que produtores de cultura conhecidos apenas em círculos restritos sejam descobertos pelo grande público. (RECH, 1998, p.18, apud KELLER, 2012, p.59).

Em uma primeira leitura dos resultados quantitativos da análise de conteúdo de 1413 textos distribuídos em 208 edições que circularam entre os anos de 2006 e 2009, Golin et al. (2014), aferiram que o caderno “movimenta-se, principalmente, pelo ritmo do evento e do tempo cíclico da efeméride. Rege-se pelo valor da notoriedade e, dentro do leque eclético de temáticas, tem no mercado editorial um dos eixos de produção de pautas”. Além disso, o olhar que oferece da cultura desde o sul “reside especialmente na escolha dos colaboradores, vinculados às relações de sociabilidade da redação e às instituições regionais” (GOLIN et al., 2014, p. 1).

Em 26 de abril de 2014, o *Cultura* encerrou sua circulação, sendo substituído, então, pelo caderno *PrOA*. A mudança insere-se no processo de reformulação do jornal *Zero Hora*, o qual será, a seguir, brevemente elucidado, para, então, abordarmos, especificamente, nosso objeto de pesquisa.

## **2 APRESENTAÇÃO DO CADERNO *PROA***

Neste capítulo, explicaremos o processo de reformulação do jornal *Zero Hora* realizado durante o seu cinquentenário, o qual deu origem ao caderno *PrOA*. Em seguida, faremos uma apresentação e uma caracterização do suplemento. Para uma melhor compreensão de seus aspectos editoriais, contaremos com dados de entrevistas realizadas com o editor da publicação, Carlos André Moreira, e com a editora de domingo do jornal, Cláudia Laitano.

Suas respostas serão utilizadas no sentido de complementar e reforçar o esclarecimento dos diversos tópicos levantados e analisados a respeito do caderno *PrOA*. Desse modo, é relevante, antes de tudo, compreender o método utilizado nesta parte do trabalho, a entrevista em profundidade.

### **2.1 Entrevista em profundidade**

Devido à inexistência de uma bibliografia a respeito do objeto empírico em questão, muito em função de seu ainda recente período de atividade, consideramos relevante o contato com os jornalistas responsáveis pela publicação aqui estudada. Mapear seus saberes, identificar algumas de suas crenças e percepções e inteirar-se de sua rotina de trabalho constituem tarefas capazes de reforçar a perspectiva qualitativa da análise de conteúdo que será feita posteriormente. Para isso, o método que entendemos como o mais adequado é a entrevista em profundidade.

Técnica de coleta de dados importante para o desenvolvimento das ciências sociais, a entrevista é considerada por Gil (1989) como uma forma de diálogo assimétrica, em que uma das partes busca informações e a outra se apresenta como fonte. Trata-se, segundo o autor, de um método vantajoso devido à sua flexibilidade, a qual varia conforme seu grau de estruturação.

De acordo com Duarte (2006), as entrevistas em profundidade podem ser abertas ou semi-abertas. A diferença é que uma entrevista aberta parte apenas de um tema central, sem haver exatamente uma linha condutora, enquanto uma entrevista semi-aberta, selecionada como a ideal para a execução deste trabalho,

parte de um roteiro-base. Essa lista de questões, segundo o autor, deve ter origem no problema de pesquisa e deve buscar tratar da amplitude do tema, “apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível” (DUARTE, 2006, p. 66).

Contudo, vale ressaltar que, como afirma Pereira (2012), a entrevista não deve ser considerada como um “incidente neutro de coleta de dados, mas um processo de negociação em torno da narrativa que será produzida nessa situação” (PEREIRA, 2012, p.36). Ou seja, é importante desviar-se de uma falha recorrente em pesquisas que utilizam tal método: o uso de transcrições das falas dos entrevistados como dados objetivos. Insere-se aí a necessidade, exposta por Duarte (2006), de um quadro de referência e conhecimento anterior por parte do pesquisador, para que ele possa confrontá-lo com as informações obtidas.

## **2.2 Mudanças editoriais em ZH**

O nascimento do caderno *PrOA* está atrelado às recentes reformulações editoriais do jornal *Zero Hora*, realizadas em virtude de seu cinquentenário, em maio de 2014. Como explicam Gruszynski et al. (2014), as transformações operadas em ZH relacionam-se com um processo de mudança na produção editorial vinculada a veículos de comunicação que se estabeleceram no meio impresso e que, atualmente, buscam novas estratégias de atuação para assegurar sua continuidade, as quais envolvem o conceito de convergência.

Em 2012, cada editoria de ZH passou a ser responsável pela cobertura e produção de informações tanto para a edição impressa quanto para a online. A interatividade tornou-se regra, possibilitada por meio de canais de contato com o público. Nesse sentido, os autores compreendem que as iniciativas de ZH “são moldadas, essencialmente, pela tecnologia – o que representa mudanças nas rotinas produtivas e nos produtos criados para serem ofertados ao público” (GRUSZYNSKI et al, 2014, p. 3).

Trata-se, pois, de uma lógica instrumental, “pela qual o jornal tem interesses próprios, fundamentados no polo econômico do jornalismo enquanto negócio”

(GRUSZYNSKI et al., 2014, p.3). Isso, obviamente, não prescinde do leitor, com o qual é firmada uma relação de constante renovação do contrato de leitura:

Nesse sentido, o movimento do jornal dirigiu-se fortemente na criação de ações com o intuito de manter o vínculo com a audiência, agindo, para isso, em diferentes frentes – desde a manutenção da mais tradicional e antiga forma de abertura de espaço ao público, que é a seção de cartas, até as iniciativas mais contemporâneas e ousadas, como os conselhos dos leitores (presenciais e virtuais) e as interações digitais com vistas à produção conjunta de conteúdo. (GRUSZYNSKI et al., 2014, p. 4).

Pode-se dizer que, além de ações nesse sentido, um marco das transformações pelas quais ZH passa foi o lançamento, em 2014, do trabalho *The Communication Revolution*<sup>3</sup>. Elaborado pela cineasta Flavia Moraes, diretora de Linguagem e Inovação da empresa, o estudo foi resultado de uma encomenda do Grupo RBS. Após entrevistas com diferentes profissionais da área, a autora procurou traçar um retrato desta nova era modificada pelas redes, com ideias sistematizadas no que foi apresentado como as “11 premissas da comunicação contemporânea”.

Entre as recomendações, todas postuladas em língua inglesa e explicadas com jargões da internet, encontram-se premissas que aconselham o jornalista a ser “verdadeiro”, “confiável”, “beta” e “colaborativo” e a pensar de modo “plural”, “à frente”, “elevado” e atento à “mobilidade”. Em sua divulgação, explica-se que o estudo insere-se em um movimento de inovação e inquietude da empresa, impactado, sobretudo, pelas manifestações de junho de 2013 que ocorreram no país.

Percebe-se, assim, uma tentativa do jornal de encontrar diferentes frentes de se adaptar a um público engajado em novas formas de relação com a tecnologia, as quais puseram em xeque a cobertura daqueles protestos políticos do modo como a mídia tradicionalmente a realizava. No auge das manifestações de 2013, proliferaram-se meios alternativos de acesso aos acontecimentos, destacando-se, por exemplo, a atuação da Mídia Ninja, que transmitia os protestos ao vivo pela internet, com filmagens e relatos de jovens colaboradores inseridos na multidão.

---

<sup>3</sup> O trabalho foi apresentado no evento *VOX 2014*, realizado pelo grupo RBS, no dia 16 de dezembro de 2014, e divulgado para o público em caderno especial incorporado na edição de 20 de dezembro de 2014 do jornal *Zero Hora*.

Assim, como aclaram Gruszynski et al. (2014), a reiteração do vínculo com os leitores - ainda que, na prática, situados em espaço bem delimitado – impactou significativamente na última grande reformulação gráfica e editorial de ZH. “O leitor, até então chamado para colaborar, interagir e produzir conteúdo juntamente com os profissionais da redação, agora assume outra função, aparentemente ditando as regras do jogo”. (GRUSZYNSKI et al., 2014, p. 9).

A oferta multiplataforma – que deu ao jornal o slogan “Papel. Digital. O que vier” - e a redução do jornal para apenas quatro grandes editoriais - notícias, sua vida, esporte e cultura - são exemplos de decisões de *Zero Hora* justificadas pelo entendimento de que o veículo está a atender às necessidades do leitor. Neste processo, Gruszynski et al. (2014) salientam que o jornal, no entanto, seguindo a lógica empresarial, acaba por colocar nitidamente o leitor na posição de consumidor.

### 2.3 O projeto do novo suplemento

Conforme relata Laitano (2015), antes mesmo da reformulação de ZH, havia uma insatisfação do jornal com a sua edição dominical. Uma vez que o *Cultura* circulava no dia anterior e que o *Segundo Caderno* não saía aos domingos, era notável a carência de um conteúdo cultural na edição. Assim, já se cogitava a transferência do caderno *Cultura* para o domingo.

No processo de reforma editorial e gráfica do jornal, foi delegada à jornalista Cláudia Laitano, até então editora-executiva da área cultural de ZH, a missão de aprimorar a edição dominical, sendo nomeada editora de domingo, a partir da criação de uma editoria específica para tal dia da semana. Laitano (2015) conta que naquele momento de diagnóstico que realizava, havia duas possibilidades: transferir, finalmente, o *Cultura* para o domingo ou criar um novo suplemento para substituí-lo.

Foi esse, portanto, o contexto propício para o nascimento do caderno *PrOA*, que, desse modo, tomando o espaço editorial do *Cultura* (sua última edição circulou no dia 26 de abril de 2014) passou a integrar a edição dominical de ZH. Em quatro de maio, dia da estreia do suplemento, na seção “Carta da Editora”, situada no corpo

principal do jornal, a diretora de redação de ZH, Marta Gleich, em texto intitulado “ZH virou beta”, anuncia:

O jornal de domingo muda na capa, bem arrevistada, e em colunas. [...] O caderno Cultura deixa de circular aos sábados. Agora é o *PrOA*, aos domingos, com mais informação, páginas, debate, polêmica, artigos, colunistas e reportagem. [...] Houve pesquisas online, presenciais, em profundidade. Que continuam. E vamos ajustando o jornal. O de domingo é resultado dessas investigações junto ao público. Vocês pediram mais profundidade. Vocês pediram uma editoria como Sua Vida. Vocês pediram novos colunistas. E a gente vai mudando (GLEICH, 2014, p. 10).<sup>4</sup>

Laitano (2015) explica que, ainda que o *Cultura* fosse um suplemento com o qual muitos leitores mantinham um vínculo afetivo, a ideia era que o projeto de criação do *PrOA* resultasse em um novo produto, com um perfil bastante distinto. Assim, junto com a proposta de se adequar às novas demandas que o tempo e os novos hábitos de leitura e de consumo de informações impõem ao jornal, o *PrOA* nasceu como um espaço particular de ZH para o tratamento qualificado de questões ligadas, sobretudo, à atualidade:

A mudança do caderno foi muito pautada pela ideia de incorporar ao conteúdo estritamente cultural um conteúdo de reflexão, de atualidade, de reportagem e de artigos que tivessem a ver com esse universo, não só cultural, mas ligado à história e à política e àquilo que está acontecendo no momento. Foi desenvolvido então para esse lado, usando muito como referência o *Aliás*, do Estadão, e o *Eu*, do Valor, que são cadernos que têm essas duas coisas muito fortes, ao contrário da Ilustríssima, da Folha, que tem um vínculo mais cultural (LAITANO, 2015).

Ampliando, portanto, o leque de possibilidades temáticas em relação ao seu antecessor, o caderno é apresentado sob o slogan *cultura, ideias e debates*. Com figuras especializadas escaladas para atuar no sentido dessas discussões que, como indica seu slogan, serão propostas, e com uma equipe qualificada de jornalistas, o caderno, acredita Moreira (2015), nasce com uma função de mediação e de esclarecimento dos principais temas em evidência.

Para Laitano (2015), o caderno, na realidade, exerce um papel de curadoria, em um momento em que discussões sobre diferentes assuntos chegam também à

---

<sup>4</sup> Consulta eletrônica no acervo digital de *Zero Hora*. Acesso em 17 de abril de 2015.

internet, onde, exploradas à exaustão, contam com uma reflexão de pouca precisão. Desse modo, o *PrOA* constitui-se como um espaço encontrado para a pausa, para a leitura de textos dotados de argumentação e aprofundamento. Apesar de o caderno ter nascido antes da publicação do *The Communication Revolution*, tal proposta, segundo a editora, revela uma aproximação às premissas postuladas pelo estudo. O *PrOA*, inclusive, seria bastante “aparentado” a tal trabalho.

Em relação a sua composição, identificamos, dentro do corpus de nossa análise, que o suplemento é constituído por 12 páginas. Com pequenas alterações de disposição ao longo de seus primeiros meses, é possível dizer que o caderno dedica, considerando que uma já é ocupada pela capa, duas dessas páginas aos textos de seus colunistas; entre três e quatro páginas para a matéria de capa; duas páginas para matérias secundárias; inicialmente duas páginas dedicadas a serviço e pequenas resenhas literárias, sendo uma delas cedida, posteriormente, para o anúncio do patrocinador; e, por fim, a página de contracapa aberta à inserção de ensaios fotográficos ou de trechos de livros.

Vale salientar que, até abril de 2014, o principal patrocinador do caderno, que, como exposto acima, obteve uma página inteira para sua publicidade, foi uma instituição de ensino, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Em novembro de 2014, o caderno e a instituição inclusive promoveram o “*PrOA em Prosa*”, um evento sobre cinema e literatura, que contou com a mediação de Cláudia Laitano. Segundo a jornalista, atualmente, “às vezes é mais fácil comercializar a publicidade com iniciativas que saiam da dimensão do papel”.

Segundo Moreira (2015), o *PrOA* encontra-se aberto para variados tipos de publicidade, desde que não fujam completamente do perfil do caderno. O editor se faz presente nessa escolha e, às vezes, pode tentar negociar a disposição dos anúncios, os quais, afirma, em nada influem no conteúdo veiculado na publicação. Nesse sentido, o caderno tem total liberdade. O que pode ocorrer de vez em quando é ter de adaptar o espaço de alguma matéria em função do tamanho do anúncio da edição.

Laitano (2015), ao relatar o fim do patrocínio da Unisinos, no mês de abril, revela, entretanto, que o impacto de casos assim é mais “emocional”. Segundo ela,

por se tratar de uma aposta do jornal, criada para qualificar a edição dominical, o caderno acaba por não precisar atender rigidamente à lógica comercial.

### 2.3.1 O nome *PrOA*

O título dado a uma publicação pode ser visto como um detalhe meramente ilustrativo. Entendemos, contudo, que a escolha do nome pode revelar e salientar aspectos importantes da proposta editorial da publicação em questão, bem como permitir compreender as referências dos profissionais que nela atuam.

Em uma primeira análise, o nome dado ao caderno *PrOA* remete-nos de imediato à designação da dianteira de um navio. Considerando, contudo, o lugar de fala do suplemento, é possível depreender, também, em função da sonoridade semelhante, uma associação com a abreviatura usada para a capital Porto Alegre. Outras interpretações podem ser consideradas, como as de Bandeira et al. (2014)<sup>5</sup>, que veem uma relação com a saída da cidade, para o mundo, pelo rio. Para os autores, *PrOA*, remetendo à navegação, indica uma aproximação à cibercultura. Além disso, pode indicar também a cidade imaginada pelo suplemento como um espaço de fluxos sem fronteiras: o global no local e vice-versa.<sup>6</sup>

Laitano (2015) revela que a escolha do nome foi uma sugestão sua, mas passou por uma discussão entre os integrantes da equipe do caderno e do próprio jornal. Cogitou-se dar o nome “Dom”, mas houve a preocupação com uma possível associação que poderia ser feita com o caderno *Donna*, dedicado ao público feminino. O nome poderia ser alvo de críticas por ter uma possível analogia que levaria ao entendimento, equivocado, de que o caderno, com textos mais aprofundados, seria dedicado a homens.

*PrOA*, um nome que a editora já tinha em mente há algum tempo, em um primeiro momento, levava em consideração, justamente, a associação com a parte do navio. Seria o caderno, assim, com base em sua proposta editorial, aquele que

---

<sup>5</sup> Trabalho apresentado no segundo semestre de 2014, no âmbito da disciplina Jornalismo, Cultura e Arte, ministrada pela professora Cida Golin.

<sup>6</sup> Interessante também notar que *PrOA* foi o nome dado a uma revista literária argentina, idealizada em 1922, pelo escritor Jorge Luis Borges.



encabeçaria o aprofundamento de discussões atuais relevantes. Já no estágio da elaboração do logotipo do caderno, um dos responsáveis pelo projeto gráfico, Rafael Ocaña, sugeriu deixar a letra *r* minúscula, salientando, assim, as letras que constituem a abreviatura usada para Porto Alegre. A proposta, segundo Moreira (2015), agradou a equipe, uma vez que englobaria a ideia de expansão do caderno e, ao mesmo tempo, o vínculo mantido com o local.

### **2.3.2 Equipe e colunistas**

Como já visto, o editor do *PrOA* é Carlos André Moreira. De acordo com seu relato, trabalhando no jornal desde 1996, o jornalista tem uma trajetória considerável em *Zero Hora*, tendo passado pelas editorias de vestibular, geral, polícia e esportes. Depois de tais seções, por quase oito anos, atuou no *Segundo Caderno*, como crítico literário e repórter especializado em literatura. Foi nessa época em que criou o blog “Mundo Livro”, vinculado ao jornal, para o qual ainda escreve, mesmo que com menos frequência, resenhas literárias. Sua ligação com a literatura é comprovada, também, pela sua formação acadêmica: graduado em jornalismo, pela UFRGS, em 1996, tornou-se mestre, pela mesma universidade, em Literaturas portuguesa e luso-africana, em 2012. Durante o ano de 2013, atuou como editor interino do caderno Cultura, sendo escalado, em seguida, para comandar o caderno *PrOA*.

Uma vez que o suplemento faz parte da edição dominical do jornal, acaba por contar, também, com a supervisão direta da jornalista Cláudia Laitano. É a ela que cabe a edição final das matérias que serão veiculadas no caderno, atuando, portanto, como uma “editora-chefe”. Formada em 1992 em jornalismo pela UFRGS, a jornalista especializou-se, em 2007, em Economia da Cultura. Tendo anteriormente atuado em diferentes funções em ZH, onde trabalha desde a década de 1980, assumiu o cargo, em 2000, de editora-executiva de cultura do jornal. Como visto, em 2014, foi nomeada editora de domingo. Também escreve crônicas semanais para o jornal, as quais frequentemente tratam de fatos e temas contemporâneos polêmicos.

Entre outras possibilidades de análise, é no espaço dedicado ao serviço, à agenda e às pequenas resenhas literárias que é possível identificar algumas marcas do perfil dos editores que ficam evidenciadas no caderno. Na seção *Mundo Livro*, que recebe o mesmo nome do blog do jornalista, e na seção *Prateleira*, encontram-se matérias vinculadas ao mercado editorial, bem próximas ao trabalho que Carlos André Moreira já desenvolvia no jornal.

Já a seção *O estado das coisas* é produzida por Cláudia Laitano, que revela escolher, dentro de um leque mais restrito do que o do *Segundo Caderno*, eventos “não tão óbvios”, que estejam mais ligados à área erudita do que à pop.<sup>7</sup> A editora é também responsável pela seção *A palavra é*, que, sem encaixar-se em um formato jornalístico específico, traz um termo estrangeiro, novo ou pouco conhecido a cada edição. Segundo a jornalista, os verbetes escolhidos provêm de sua intensa leitura de jornais e livros, o que, inevitavelmente, permite-lhe entrar em contato com muitas palavras inusitadas que podem interessar ao leitor. Na realidade, trata-se de algo que, já em suas crônicas, a editora costumava explorar.

Para a escolha da equipe de repórteres do *PrOA*, Moreira (2015) conta que a ideia era escalar jornalistas considerados de “alta qualidade” de dentro da redação do jornal. Desse modo, Paulo Germano foi escolhido devido à sua “visão antenada e multimídia”. Além dele, foi escalada para a equipe a jornalista e mestre em Sociologia Letícia Duarte, “uma das mais premiadas repórteres da redação”<sup>8</sup>, a qual antes atuava na editoria de política de *Zero Hora*. Além da equipe fixa, não é raro jornalistas de outras editorias colaborarem para o caderno. Para matérias sobre assuntos internacionais, por exemplo, costuma contribuir o jornalista Luiz Antônio Araujo, antigo editor do caderno *Cultura*.

Como aclaram os editores, durante a escolha dos colunistas do *PrOA*, pensou-se em quatro eixos. O primeiro deveria contemplar algum conhecido cronista nacional, o segundo, nomes nacionais relevantes, o terceiro, intelectuais ligados às

---

<sup>7</sup> Apesar da crítica da editora ao aspecto erudito do caderno *Ilustríssima*, a hierarquização que realiza na escolha dos eventos que aparecerão na agenda do *PrOA* assemelha-se àquela feita pelo suplemento paulista. A partir da figura da bússola que é utilizada para polarizar os eventos entre os eixos *brasileiro*, *pop*, *erudito* e *estrangeiro*, a *Ilustríssima* não suprime as fronteiras culturais e marca bem seu lugar de fala. No *PrOA*, entretanto, tal polarização é realizada de modo mais velado.

<sup>8</sup> Em 2012, Letícia Duarte recebeu o Prêmio Esso de Jornalismo pela reportagem “Filho de rua”, que acompanhou a rotina de um adolescente morador de rua de Porto Alegre.

universidades locais e o quarto, nomes da “nova geração”. Sendo assim, é possível identificar os seguintes colunistas, descritos, ao lado dos nomes, conforme a respectiva apresentação que consta no caderno:

1º eixo	Antonio Prata (SP)	“é escritor, autor de ‘Meio intelectual, meio de esquerda’ (Editora 34) e ‘Nu, de botas’ (Companhia das Letras). Escreve semanalmente neste caderno”.
2º eixo	Renato Janine Ribeiro (SP) ↓ Roberto Romano (nascido em PR, atua em SP)	“é professor titular de ética e filosofia política na Universidade de São Paulo. Escreve quinzenalmente”. Substituído após assumir o cargo de Ministro da Educação, em abril de 2015.  “é professor titular de ética e filosofia política da UNICAMP. Escreve quinzenalmente.”
2º eixo	Roberto DaMatta (RJ) ↓ Luís Augusto Fischer	“é antropólogo e professor titular da PUC-RJ, autor, entre outros, de <i>Carnaval, malandros e heróis</i> (1979) e <i>Fé em Deus e pé na tábua: por que o trânsito enlouquece no Brasil</i> (2012). Escreve quinzenalmente”. Deixou de escrever para o jornal, sendo substituído por Luís Augusto Fischer, que troca de eixo.
3º eixo	Luís Augusto Fischer (RS)	“é professor de literatura na UFRGS e escritor, autor de <i>Duas águas</i> (L&PM, 2008) e <i>Inteligência com dor</i> (Arquipélago editorial, 2009). Escreve mensalmente”. Com a saída de Roberto DaMatta, passa para o 2º eixo.
3º eixo	Paulo Fagundes Visentini (RS)	“é historiador, professor titular de Relações Internacionais da UFRGS. Escreve mensalmente”.
3º eixo	Ruben George Oliven (RS)	“é professor titular de antropologia da UFRGS e membro da Academia Brasileira de Ciências. Escreve mensalmente”.
3º eixo	Cristina Bonorino (RS)	“é professora titular de imunologia da PUCRS e pesquisadora 1c do CNPQ. Escreve mensalmente”.
3º eixo	Francisco Marshall (RS)	“é historiador, arqueólogo e professor da UFRGS. Escreve mensalmente”.
4º eixo	Ismael Caneppele (RS)	“é escritor e dramaturgo, autor de <i>Os famosos e os duendes da morte</i> (2010). Escreve mensalmente”.
4º eixo	Paulo Gleich (RS)	“é jornalista e psicanalista. Escreve mensalmente”.
4º eixo	Carol Bensimon (RS)	“é escritora, autora de <i>Sinuca embaixo d’água</i> (2009) e <i>Todos nós adorávamos caubóis</i> (2013). Escreve mensalmente”.
4º eixo	Eduardo Wolf (RS)	“é professor e tradutor. Escreve mensalmente”.

Tabela 1 Lista de colunistas fixos do caderno

Moreira (2015) revela que o time de colunistas foi constituído por nomes cujos trabalhos os editores já vinham mapeando e acompanhando há algum tempo. Alguns deles, inevitavelmente, fazem parte, segundo o editor, de suas redes de sociabilidade. Em uma comparação com o caderno Cultura, nota-se uma abertura maior para personalidades de fora do Rio Grande do Sul. Segundo Laitano (2015), trata-se de algo proposital, para contrabalançar com o excesso de nomes locais de dentro do corpo principal do jornal. Além disso, é notável a presença de figuras ligadas à academia. Para Moreira (2015), ainda que não se pressuponha que os leitores tenham uma formação universitária, é relevante haver esse canal de comunicação dos acadêmicos com o público.

Em relação aos jovens presentes no quarto eixo, todos com menos de 35 anos, nota-se a busca do caderno de se mostrar atento e atualizado quanto às ideias e discussões que circulam entre a nova geração. De acordo com Laitano (2015), sendo dois desses colunistas escritores, ao mesmo tempo em que trazem um perfil mais literário, divulgam, por exemplo, temas ligados à cidade e à mobilidade urbana, com os quais se identifica uma quantidade cada vez maior de “jovens da geração Y”.<sup>9</sup>

### **2.3.3 Identidade visual**

O projeto gráfico do caderno *PrOA* corresponde à nova proposta gráfica geral do jornal *Zero Hora*, a qual busca uma ideia de interação com o meio digital. Conforme Laitano (2015), se no restante do jornal, com a reforma, procurou-se equilibrar as mudanças para não haver um grande estranhamento por parte do leitor, no *PrOA*, optou-se por haver uma completa transformação em relação ao seu antecessor, com o objetivo de gerar um significativo “impacto visual”.

---

<sup>9</sup> Segundo um estudo global da agência Edelman Berland realizado em 2012, a geração Y é formada por jovens nascidos entre 1980 e 1995, sendo os primeiros nativos da era digital. A pesquisa revela que a personalidade do grupo tem sido marcada por acontecimentos como o 11 de setembro, a Primavera Árabe e sucessivas crises econômicas. Além disso, trata-se da mais populosa geração do mundo, com 1,8 bilhão de pessoas, com a previsão de que, em 2025, constituam 75% da força de trabalho global. Consulta eletrônica nas páginas <http://www.edelman.com.br/news/8095/> e <http://pt.slideshare.net/EdelmanInsights/8095-global-external-final>, realizadas em 10 de junho de 2015.

Comparando as capas da última edição do caderno *Cultura* (figura 1), de 26 de abril, e da primeira edição do *PrOA* (figura 2), de 04 de maio de 2014, fica também evidente a aproximação do novo caderno às marcas de uma revista: design mais arejado, manchetes mais chamativas, letras sem serifas, cores quentes e contrastantes e o uso de fotografias em detrimento de ilustrações. Parece se tratar de uma opção que corresponde à própria intenção editorial do *PrOA* de se assemelhar, em conteúdo, a uma revista de especialidade.



Figura 1 Capa da última edição do Cultura



Figura 2 Capa da primeira edição do PrOA

Moreira (2015) explica que, devido ao fato de o caderno, muitas vezes, tratar de temas e não de fatos, torna-se difícil, contudo, a inserção de uma imagem fotográfica. Desse modo, segundo o editor, os designers da publicação costumam pensar em alternativas gráficas que aproveitem o próprio design da edição em questão.

Um exemplo (figura 3) é a solução encontrada para a matéria principal do primeiro número do caderno, cujo tema era o tempo. Em uma das páginas, uma vez que nela se falava do ritmo cíclico do tempo, recorreu-se ao uso círculo no ajuste das colunas. Outro exemplo (figura 4) pode ser observado em matéria veiculada no mês de junho. Com o título “O que temos nos bolsos”, o texto teve sua abertura posta em diálogo com a imagem. Em uma alusão ao título, a coluna é inserida dentro da imagem bolso que é mostrado para ilustrar o trecho do livro.



Figura 3 Exemplo de solução gráfica 1



Figura 4 Exemplo solução gráfica 2

Bandeira et al. (2014) apontam que o triângulo, forma geométrica escolhida por *Zero Hora* para representar a “união de plataformas” que se dá nesse seu novo momento, é explorado, no caderno, à exaustão. É de se observar, contudo, que a ideia de aproximação com a linguagem da internet permanece restrita a tais aspectos. Na prática, até abril de 2015, o caderno contava com uma página relativamente simples na seção “Notícias” do site do jornal, contendo apenas duas colunas, uma com uma chamada para a matéria principal da última edição e outra, com a capa respectiva.

Atualmente, com uma página mais sofisticada (figura 5), a parte superior do site destaca as matérias principais, sem reproduzir a imagem da versão impressa e dando acesso, de modo desmembrado, a todo o conteúdo da edição. Além disso, na parte inferior da página, uma seção intitulada “Arquivo PrOA” (figura 6) dispõe todas as matérias de capa do caderno, reafirmando, inusitadamente, o caráter colecionável desse tipo de publicação. Ainda assim, nota-se uma timidez do suplemento em relação às plataformas online. Sua página oficial do Facebook, por exemplo, mostra-se pouco abastecida de conteúdo. Enquanto ZH possui cerca de 1,6 milhão de “curtidas” (seguidores), a página do caderno não alcança a marca dos mil.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Levantamento de dados realizado em 10 de junho de 2015, nas páginas eletrônicas <https://www.facebook.com/zerohora?fref=ts> e <https://www.facebook.com/cadernoproa?fref=ts>.



Figura 5 Configuração atual da página online do caderno



Figura 6 A seção "Arquivo PrOA" remete ao caráter colecionável das páginas impressas dos suplementos

### 2.3.4 Por dentro da rotina do *PrOA*

Após a entrevista com o editor do caderno, realizada no dia 20 de abril de 2015, tivemos a oportunidade de participar, no dia 27 do mesmo mês, de uma reunião de pauta da equipe do *PrOA*. A observação participante não integra o quadro metodológico do trabalho, mas acreditamos que acompanhar parte da rotina do caderno corrobora significativamente a compreensão de seu funcionamento e das relações entre os seus profissionais, além de permitir um registro de um momento crucial da produção de qualquer publicação. Foi desse modo, como veremos a seguir, que depreendemos a importância de entrevistar para o trabalho,

além do editor, a jornalista Cláudia Laitano. Seu nome pouco consta nas páginas da publicação, mas, na reunião de pauta, conseguimos perceber sua significativa atuação na produção do caderno.

As reuniões de pauta do *PrOA* costumam ocorrer nas segundas-feiras, ao meio-dia. Nela, a equipe, com uma prévia pesquisa individual, levanta os temas mais evidentes da semana e procura maneiras de inseri-los no caderno de uma forma mais aprofundada e original. Na reunião em que comparecemos, estavam presentes a editora de domingo, Cláudia Laitano, o editor do caderno, Carlos André Moreira, e, visto que Letícia Duarte encontrava-se em férias, apenas um dos repórteres da equipe, o jornalista Paulo Germano.

Na ocasião, planejava-se a edição do dia três de maio, que comemoraria o aniversário de um ano do caderno. Para isso, o repórter Paulo Germano ficara responsável pela criação de um vídeo comemorativo<sup>11</sup>, que seria “lançado nas redes”, demonstrando sua qualidade multimídia ressaltada pelos editores. Para anunciá-lo aos leitores, Cláudia Laitano ficou encarregada da elaboração de um texto destinado ao espaço da segunda página do caderno, o que revela sua intervenção direta na publicação, ainda que esteja designada como editora de domingo e, não, unicamente do suplemento.

As maiores discussões da reunião, contudo, centraram-se em temas próximos à política. A possibilidade de colocar no caderno um debate a respeito das homenagens a políticos controversos nas ruas da cidade era bastante discutida entre os participantes, cada qual trazendo sua bagagem de conhecimento histórico e inserindo diversas referências em suas argumentações.

Tratando de diversos temas polêmicos vindos do Congresso Nacional, durante a reunião, a equipe deixava claro seu posicionamento “progressista”,

---

<sup>11</sup> No vídeo, o repórter Paulo Germano entrevista o cineasta Jorge Furtado, o diretor de teatro Luciano Alabarse, o psicanalista Mario Corso, o sociólogo Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo, a crítica literária Kathrin Rosenfield e o publicitário Saul Duque. Em tom irônico, o repórter lhes mostra uma série de manchetes frívolas que ganham cada vez mais espaço na internet, para, então, em claro contraste, provocar o debate sobre a importância de um “jornalismo reflexivo”. É apenas ao final da “conversa”, após diversas críticas dos entrevistados à velocidade e à “falta de filtro” das redes, que se passa a tratar do caderno *PrOA*. É interessante observar que, no vídeo, ocorre o mesmo processo de legitimação do suplemento a partir da credibilidade das falas de figuras notáveis. Vídeo disponível na página da web <http://videos.clicrbs.com.br/rs/zerohora/video/zero-hora/2015/05/proa-ano-jornalismo-debate/121141/>. Acesso em 02/05/2015.



revelando-se contra medidas como, por exemplo, a redução da maioria penal. Paulo Germano, lembrando que já havia saído matérias relacionadas ao tema anteriormente, alertava para que houvesse o cuidado de não “panfletarem para nenhum lado” e de não “ficarem obcecados contra o conservadorismo”.

De tal quadro, percebe-se que, de fato, no processo editorial do caderno, encontra-se em jogo uma invariável escolha dos jornalistas em relação aos temas que aparecerão ou que serão silenciados em cada edição. Desse modo, não é possível negligenciar o fato de haver pautas significativamente enviesadas pelo olhar político e pela carga cultural dos profissionais em questão. Os resultados práticos dessa ação editorial serão identificados e analisados no capítulo a seguir.

### 3 ANÁLISE EDITORIAL DO CADERNO PROA

No último capítulo do trabalho, partiremos, efetivamente, para a análise de conteúdo do corpus selecionado. O material abrange 12 edições do caderno *PrOA*, cada uma representativa de cada mês do primeiro ano de circulação do suplemento, dentro de uma amostra composta por semanas alternadas. Com o resultado da análise, pretendemos obter, portanto, índices editoriais do período inicial do caderno, mapeando informações como temas privilegiados, fontes priorizadas, entre outros dados. Iniciaremos com a explanação do método aqui utilizado.

#### 3.1 Análise de Conteúdo

Uma das principais teóricas do método, Bardin (1977) compreende a análise de conteúdo por sua função ou o seu objetivo de inferência, tendo como base indicadores de frequência. Sendo assim, conforme definição de Herscovitz (2008), trata-se de um método de pesquisa que:

recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação”. (Herscovitz, 2008, p.126).

Na constatação da qualidade da análise de conteúdo para pesquisas sobre jornalismo e sistema de cultura, Golin et al. (2014, p. 15) compreendem o método como capaz de revelar, a partir do tratamento feito pelo pesquisador, “mapas de conhecimento e interpretação de valores sociais e culturais expressos pelo jornalismo”. Neste caso, os autores salientam a relação entre texto e contexto, a partir da “tripla condição” obtida pela especificidade dos objetos, pelo contexto e pela perspectiva teórica, em uma busca que visa a uma problematização da realidade, levando-se em conta, nesse sentido, a vinculação à perspectiva que compreende o jornalismo como construção social.

Nessa lógica, Hercovitz (2008) sugere que a obtenção de melhores resultados provém da combinação das análises qualitativa e quantitativa. Para a autora, pesquisadores que utilizam a AC seriam como “detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes no material analisado” (HERCOVITZ, 2008, p. 127).

Considerando as premissas expostas acima e tendo a consciência de que a pesquisa obedecerá à regra da representatividade (BARDIN, 1977), visto que o corpus é, na verdade, uma amostragem de todas as publicações, acreditamos que a utilização de tal método na presente pesquisa vai ao encontro de nossos objetivos de compreensão das variadas hierarquizações que nosso objeto, o caderno *PrOA*, propõe durante seu período de gênese e de consolidação.

Nosso *corpus* de análise será constituído por uma amostragem mensal composta das matérias de capa das edições do primeiro ano de circulação do caderno *PrOA*, publicadas entre 4 de maio de 2014 e 26 de abril de 2015. Seguindo tal critério, integrarão a análise: do ano de 2014, a primeira edição do mês de maio (dia 4), a segunda edição do mês de junho (dia 8), a terceira edição do mês de julho (dia 20), a quarta edição do mês de agosto (dia 24), a primeira edição do mês de setembro (dia 7), a segunda edição do mês de outubro (dia 12), a terceira edição do mês de novembro (dia 16) e a quarta edição do mês de dezembro (dia 28); do ano de 2015, a primeira edição do mês de janeiro (dia 4), a segunda edição do mês de fevereiro (dia 8), a terceira edição do mês de março (dia 15) e a quarta edição do mês de abril (dia 26).

Keller (2012, p.86) salienta que, diferentemente dos suplementos diários, que buscam mostrar, em um espaço limitado, um recorte do sistema de cultura que represente toda a sua movimentação, os cadernos semanais “desejam selecionar apenas alguns fatos para publicizar, destacando a ação editorial de julgar e hierarquizar”. É seguindo essa lógica que acreditamos que a escolha de uma matéria de capa, espaço de maior destaque em uma publicação, revela, de uma perspectiva privilegiada, aspectos da hierarquização temática e, por conseguinte, da natureza editorial do caderno.

Em uma sondagem inicial, verificamos, contudo, que algumas das matérias de capa desmembravam-se em mais de um produto, podendo variar em temática, autoria, formato, etc. Desse modo, o que seria, a princípio, um conjunto de 12 matérias, correspondentes a cada mês de análise, tornou-se um conjunto com um total de 23 matérias.

Tal como propõem Golin et. al (2014), procuraremos superar a lógica positivista, que tradicionalmente valoriza a quantificação, e buscaremos levar em consideração elementos contextuais não só expressos no dispositivo de análise, mas também os de dimensão conjuntural. Para a execução de tal método, portanto, inseriremos a perspectiva qualitativa, sobretudo, em dois momentos: na elaboração das categorias de análise, de modo que sejam concernentes à discussão teórica apresentada, e na interpretação dos dados obtidos, quando cruzaremos os dados quantitativos com as referências dessa mesma discussão e das informações obtidas a partir do método entrevista em profundidade.

Vale salientar, antes de partir efetivamente para a análise, que algumas categorias que serão apresentadas impossibilitarão uma condição valorizada pelo método, a exclusão mútua. Isso se deve ao fato de que, como explicam Golin et al. (2014, p. 11), “a tessitura complexa dos objetos, muitas vezes, carrega elementos que aparecem tanto em um grupo quanto em outro, tornando improdutivo fixar uma descrição a partir de contornos tão demarcados”. Por conseguinte, em alguns momentos, levaremos mais em consideração a frequência do aparecimento de determinados itens do que a preocupação com uma sistematização estanque.

Algumas das categorias utilizadas para a classificação entre os tópicos de análise foram retiradas do banco de dados do *Laboratório de Edição Cultura e Design*, elaborado para a sistematização das pesquisas do grupo *Estudos em Jornalismo e Publicações Culturais*. Reaplicando o padrão de fichamento, procuramos interligar a forma de análise aqui apresentada com aquela já utilizada para a obtenção de panorâmicas editoriais de suplementos culturais. Entretanto, em algumas situações, adaptamos as categorias conforme as especificidades de nosso objeto empírico.

### 3.2 Mapeamento de temas

Como vimos no capítulo 2, o caderno *PrOA* nasceu com a ideia de incorporar temas mais amplos de atualidade a um tratamento estritamente cultural, ligado às artes, que era realizado em seu antecessor. Para compreender a nova proposta, analisamos quais foram os temas que estiveram presentes, dentro de uma amostra mensal composta, nas capas das edições do seu primeiro ano de circulação.

Os temas utilizados na classificação, correspondentes aos do banco de dados de referência, foram: *antropologia, arquitetura e urbanismo, arquivologia, artes cênicas, artes visuais, design, astrologia, astronomia, biografia, biologia, cartuns, cidadania, cinema, comunicação (jornalismo, publicidade e propaganda, televisão e internet), dança, direito, ecologia, economia, educação, esportes, filosofia (ética), fotografia, história, comportamento, intelectuais, língua portuguesa, literatura, livros (mercado editorial), música, moda, museologia, política, psicologia/psicanálise/psiquiatria, religião, retrospectiva, semiótica, sociologia e tecnologia*. Os temas que não constam no gráfico tiveram incidência nula.

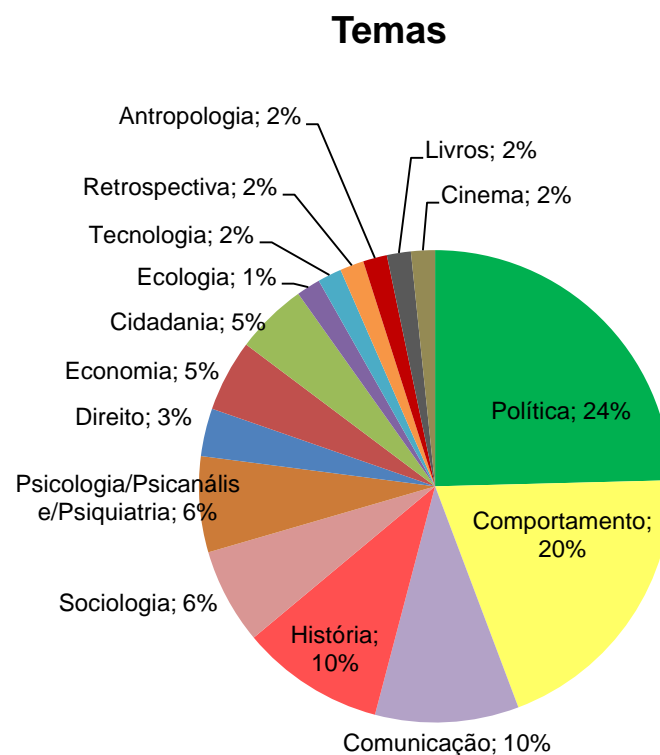


Gráfico 1 Distribuição temática das matérias de capa do caderno

Do conjunto de 23 matérias, visualizamos uma distribuição que priorizou a temática política (24%) e, em seguida, o tratamento de questões ligadas ao comportamento (20%), à comunicação (10%) e à história (10%). É possível associar a predominância da política e do comportamento com o próprio contexto de nascimento do suplemento. “Aparentado”, segundo Laitano (2015), como vimos no capítulo anterior, com o trabalho *The communication revolution*, o *PrOA* busca acompanhar o ritmo das movimentações que eclodiram no país desde as manifestações de 2013.

Não à toa, uma das matérias de capa de nosso *corpus* é dedicada, justamente, a uma análise do legado daquelas manifestações<sup>12</sup>. Com autoria de Letícia Duarte, a reportagem aponta a recuperação da capacidade de indignação da sociedade, mesmo que o movimento tenha ganhado uma forma “difusa e compartimentada”. Podendo isso ser relacionado, portanto, com a interpretação da equipe do caderno quanto ao cenário atual, explica-se, assim, a aproximação deliberada ao caráter de curadoria apontado pelos editores.

Tratando de tal área, percebe-se que os temas escolhidos pelo *PrOA* centram-se em questões políticas principalmente nacionais. No dia 20 de julho de 2014, a edição analisou os efeitos da interatividade social das redes nas eleições presidenciais, demonstrando, novamente, seu caráter mediador em relação às novas formas de engajamento. Dentro de sua proposta de pausa para a reflexão diante de novos hábitos de consumo de informação, o caderno também dedicou três páginas para tratar das conclusões do relatório final da Comissão Nacional da Verdade, que investiga os crimes da ditadura militar brasileira.

Ainda na lógica de curadoria, ao dar ênfase, secundariamente, a questões ligadas ao comportamento, o *PrOA* demonstra sua atuação na identificação de tendências e inovações de condutas gerais da sociedade, não necessariamente restritas ao campo político. Nesse sentido, duas matérias chamam atenção. Em 24 de agosto de 2014, uma reportagem tratou sobre a imagem contemporânea a respeito da morte, depois de pessoas terem tirado “selfies” no velório do político

---

<sup>12</sup> Trata-se da reportagem intitulada “Um mês que mudou tudo”, com a chamada de capa “#2013 ainda não terminou”, publicada em 8 de junho de 2014.

Eduardo Campos e de torcedores gremistas terem festejado a morte de Fernandão, ídolo do time rival. Já em 12 de outubro de 2014, o caderno abordou a relação dos pais com as horas livres dos filhos.

É interessante observar que as temáticas que despontam na terceira posição, a comunicação e a história, quando aparecem, mostram-se pareadas aos dois temas principais. A matéria intitulada “Sobre um outro 15 de março”, capa da edição de março de 2015, trata dos 30 anos da redemocratização brasileira, portanto, um tema histórico atrelado à política. Além disso, a mesma edição que tratou sobre a ocupação do tempo das crianças apresentou um artigo sobre uma série televisiva infantil que se tornou fenômeno de audiência, contando, assim, com um enfoque no comportamento e na comunicação.

Golin et al. (2014) salientam que a compreensão de elementos pouco representativos em termos numéricos podem carregar sentidos quanto ao objeto empírico. Assim, em uma comparação com os temas privilegiados pelo caderno *Cultura*, no qual Keller (2012) constatou a prevalência da literatura e do mercado editorial, percebe-se a baixa ou a quase nula incidência dessa temática e de outros assuntos relacionados às artes, como o cinema, a música e o teatro, nas matérias de capa do caderno *PrOA*.

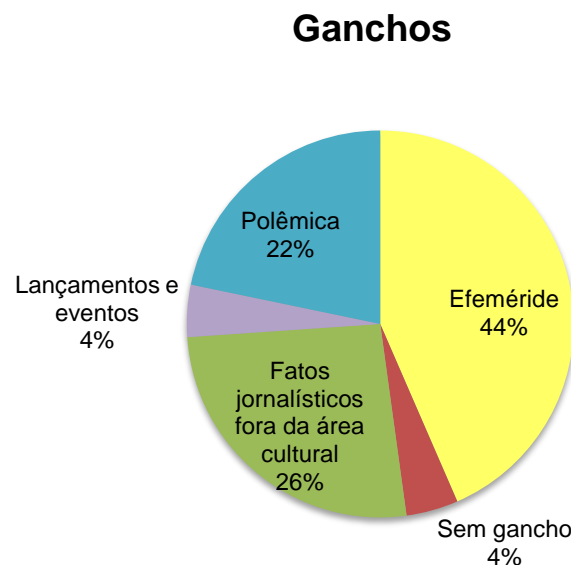
A abordagem a respeito dos livros é feita apenas uma vez, na edição de novembro de 2014, tratando da publicação de um livro de memórias da ditadura e, portanto, aparecendo vinculada à política e à história. O cinema também consta uma única vez, em uma resenha elaborada por Roger Lerina sobre um filme que trata do genocídio armênio, o enfoque principal da matéria de capa da edição de abril de 2015.

### **3.3 Ganchos jornalísticos**

Como vimos no primeiro capítulo do trabalho, os suplementos culturais não se apoiam, necessariamente, no mesmo ritmo veloz e efêmero de produção das editoriais diárias e, sobretudo, do abastecimento online destas. Com uma periodicidade semanal, há a possibilidade de esses cadernos tratarem de

determinados temas sem uma justificativa explícita. Porém, nem por isso, dispensam o trabalho em cima dos ganchos, os quais lhes mantêm interligados aos eventos noticiosos. Essa articulação apoia-se, segundo Franciscato (2005), no valor da atualidade, que, por sua vez, aparece imbricada a fenômenos temporais tais como a instantaneidade e a simultaneidade, caros à comunidade jornalística.

Sendo assim, para identificarmos as justificativas mais usuais para a escolha de pautas do caderno *PrOA*, classificamos as matérias de capas entre as categorias *lançamentos e eventos*, *polêmica*, *morte*, *fatos jornalísticos fora do campo cultural e efeméride*, todas ligadas à noção de atualidade. Além dessas, inserimos a categoria *sem gancho*, que não deixa de revelar aspectos do tempo proposto pelo suplemento. Os dados obtidos podem ser observados no gráfico a seguir:



**Gráfico 2 Ganchos jornalísticos mais frequentes**

Como notável nos resultados acima, o gancho preponderante das matérias de capa do caderno, com 44% do total, é o da efeméride. Vale salientar que o tratamento de temas feito a partir de tal categoria, ainda que normalmente vinculado a assuntos do passado, na realidade, recicla-os e os faz recircular no tempo presente. Das dez matérias em que consta tal gancho, no entanto, apenas duas encontram-se em um afastamento temporal significativo, uma tratando dos 30 anos da redemocratização brasileira e outra, dos 100 anos do genocídio armênio.



A maioria das matérias que tiveram como justificativa uma efeméride ficaram interligadas ao tempo presente. Em outubro, foi o dia das crianças o gancho para abordar a relação dos pais com as horas livres dos filhos. Em dezembro e em janeiro, o caderno aproveitou a virada do ano para fazer, respectivamente, uma retrospectiva dos “embates mais marcantes” de 2014 e um levantamento de tendências para o ano de 2015, em um notável atrelamento do *PrOA* à atualidade.

Segundo Laitano (2015), o gancho da efeméride é uma das formas de surpreender o leitor com um tratamento diferenciado sobre um assunto que não tenha, naturalmente, tanta evidência no momento. O mesmo ocorre com uma abordagem feita sem a necessidade de um gancho (apenas 1% do total), o que possibilita uma maior liberdade para a execução das matérias.

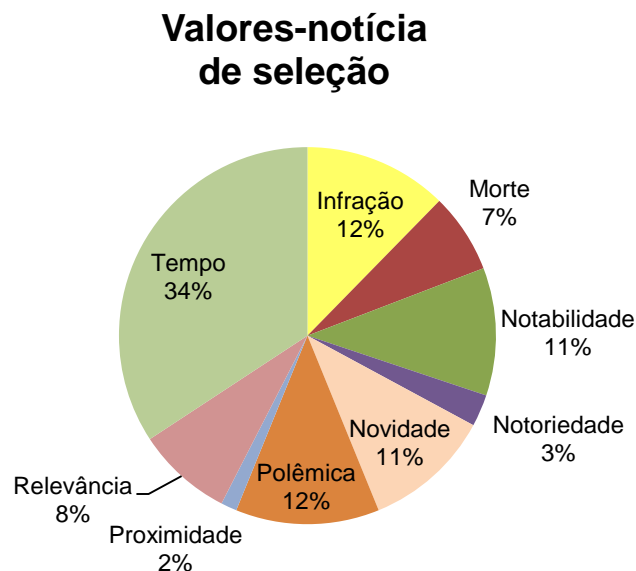
As outras duas categorias de gancho que aparecem com mais frequência no suplemento são a de  *fatos jornalísticos fora da área cultural*, com 26%, e a de *polêmica*, com 22%. Esses dados vão ao encontro da proposta do caderno, explicada pelos editores, de não ficar atrelado a assuntos estritamente artísticos e de problematizar e aprofundar os temas contemporâneos em evidência. Segundo Laitano (2015), sua experiência como cronista já lhe possibilitava esse olhar atento para os acontecimentos da semana, encontrando-se, agora, transposta para o caderno.

Em relação às polêmicas, Moreira (2015) faz uma distinção entre as que surgem nas esferas reais, ligadas a assuntos políticos, e as que são repercussões virtuais desses temas. Um exemplo do primeiro caso seria a legalização do aborto. Do segundo, a repercussão controversa da apresentação de um grupo feminista na televisão pública do Estado. O editor diz que o caderno tende a valorizar, sobretudo, as primeiras, mas que não desconsidera as que advêm do segundo caso. Conforme a editora, idealmente, o *PrOA* contaria com mais matérias feitas a partir do viés da polêmica. Nesse sentido, às vezes a solução é “costurar” assuntos que não tenham uma ligação imediata, apresentando-os sob uma perspectiva que os aproxime na esfera de controvérsia. Foi o caso, por exemplo, da edição que tratou da imagem contemporânea da morte a partir de dois casos polêmicos que, inicialmente, não mostravam nenhuma relação entre si.

### 3.4 Valores-notícia

Traquina (2005, p. 30) evoca Pierre Bourdieu ao lembrar que “os jornalistas partilham estruturas invisíveis, óculos, através das quais veem certas coisas e não veem outras”. Essas estruturas, que se tornam consensuais no exercício cotidiano, encontram-se presentes, junto a imperativos e limitações organizacionais, na decisão de transformar um acontecimento em notícia e de silenciar outros tantos que poderiam estar em seu lugar.

Portanto, identificar quais são os valores-notícia presentes nas páginas do *PrOA* nos auxiliará na compreensão de seu perfil editorial. Considerando apenas os critérios substantivos de seleção sistematizados por Traquina (2006), chegamos, então, às seguintes categorias: *inesperado*, *infração*, *morte*, *notabilidade*, *notoriedade*, *novidade*, *polêmica*, *proximidade*, *relevância* e *tempo* (no qual se inserem a atualidade, a *continuidade* e a *efeméride*). Aqui, levamos novamente em consideração a frequência de aparecimento de cada um desses valores.



**Gráfico 3** Valores-notícia mais frequentes

Como demonstra o gráfico, os resultados revelam a prevalência do valor-notícia do tempo, com 34% do total. Desmembrando tal valor, percebemos, ainda, a sua predominância quando atrelado à atualidade, com 14 ocorrências, quantidade

que continua maior do que a de qualquer outra categoria. Atrás da atualidade, com 11 ocorrências, figura o tempo quando atrelado à efeméride. A valorização, nos textos de capa do caderno, do tempo circular, já demonstrada na prevalência das efemérides como o gancho principal das matérias, mostra-se parte de mais um processo de hierarquização que ocorre nos suplementos. Ao eleger aquilo que o público deve relembrar, a partir de uma série de procedimentos, como homenagens, listas e retrospectivas, o caderno torna-se um agente privilegiado na construção da memória coletiva.

O predomínio do tempo e, em seguida, dos valores-notícia da polêmica e da infração, ambos com 12%, relacionam-se com o depoimento de Laitano (2015), que considera importante a criação, no caderno, de um “laço de comunhão de interesses e de indignações” com seus leitores. Um exemplo, nesse sentido, é a edição de 7 de setembro de 2014, a qual conta com três artigos sobre julgamentos realizados nas redes sociais, ambiente que, sem uma regulamentação rígida, abre espaço para diversos tipos de infrações. Um dos casos relatados foi a morte de uma mulher espancada em Guarujá, após a divulgação nas redes de um boato de que sequestrava crianças para o uso em magia negra. Ou seja, trata-se de um tema bastante atual, que envolve, também, a infração e a polêmica.

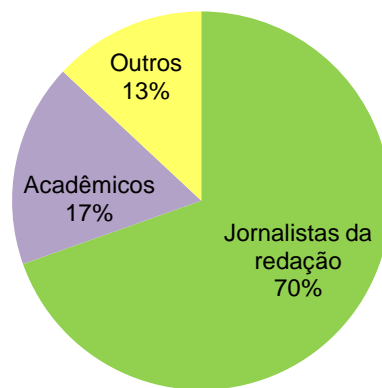
### **3.5 A autoria e a fonte dos textos**

Na discussão teórica proposta no primeiro capítulo do trabalho, vimos que o prestígio que muitos suplementos agregam a seus jornais está relacionado ao tratamento qualificado que é feito por especialistas de diversas áreas, os quais carregam a autoria dos textos ou simplesmente lhes servem de fonte. Deixando nos cadernos suas marcas de saber e de autoridade, alcançam, também, visibilidade para além dos campos dos quais fazem parte. Com a concomitante atividade dos jornalistas na produção de textos para os suplementos, estabelece-se, pois, um espaço dividido entre a produção jornalística e a acadêmica.

Como explicam Moreira (2015) e Laitano (2015), umas das novidades do caderno *PrOA* em relação ao *Cultura* é a existência de uma equipe fixa de repórteres, formada por dois “jovens qualificados jornalistas” da redação de ZH,

Letícia Duarte e Paulo Germano. O caderno antecessor contava com um número maior de colaborações, incluindo as de jornalistas de dentro de ZH, mas que não tinham, necessariamente, um compromisso periódico com o caderno (KELLER, 2012). Para saber de que maneira o *PrOA* dosa a autoria de suas matérias de capa, contabilizamos as colaborações de nosso *corpus* e as classificamos entre *jornalistas da redação*, *acadêmicos* e *outros*, para possíveis desvios entre as duas primeiras categorias. Os resultados podem ser observados no gráfico a seguir:

### Autoria



**Gráfico 4** Autoria das matérias de capa do caderno

A análise de tais dados permite a confirmação do papel central da equipe de repórteres na autoria das matérias de capa, com 70% do total. Dos 16 textos elaborados por jornalistas da redação, dez recebem a assinatura de Letícia Duarte e dois, de Paulo Germano. Dos outros quatro, um conta com a autoria de Roger Lerina, responsável pela contracapa do *Segundo Caderno*, e três recebem a assinatura de Luiz Antônio Araujo, antigo editor do *Cultura* e atual editor e colunista internacional de ZH. Laitano (2015) revela que à medida que o caderno foi se estabelecendo, passou a contar com a oferta de colaboração de repórteres e até de ilustradores de fora da equipe fixa, mas de dentro da redação do jornal.

Entre os acadêmicos que despontam como colaboradores, consideramos interessante apontar suas áreas e instituições de atuação, que podem ser vistas na tabela abaixo. Desse modo, buscamos nos aproximar das razões para que tais

especialistas mereçam o espaço privilegiado de autoria das matérias de capa. De tal quadro, é interessante observar que nenhum dos colaboradores está vinculado à academia local, havendo uma expansão para a região sudeste e para fora do Brasil. Trata-se de um dado que revela as nuances com o caderno *Cultura*, do qual Keller (2012) apontou a UFRGS como o principal lugar de busca de colaborações. Outro detalhe a se observar é a prevalência de colaborações feitas por mulheres.

<b>Colaborador</b>	<b>Área de atuação</b>	<b>Instituição</b>	<b>Assunto tratado</b>
Rosana Pinheiro-Machado	Ciências sociais e antropologia	Universidade de Oxford	Inserção de celebridades mundanas no plano do sagrado (agosto/2014)
Ana Luisa de Castro Almeida	Administração e comunicação	Reputation Institute, PUC Minas e Fundação Dom Cabral	O julgamento pelas redes sociais (setembro/2014)
Fabro Boaz Steibel	Comunicação	Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro e ESPM Rio	Punição e justiça nas redes (setembro/2014)
Mônica Stefeen Guise Rosina	Direito	Fundação Getúlio Vargas	O direito ao esquecimento nas redes (setembro/2014)

**Tabela 2** Relação de colaboradores acadêmicos

Entre os colaboradores que não aparecem vinculados a qualquer universidade, encontram-se duas psicanalistas da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, ambas escaladas para dissertarem sobre o comportamento infantil. Além destas, para um depoimento sobre o genocídio armênio, há a colaboração de um embaixador aposentado. Aparentemente, sua colaboração se deu mais em função de seu relato pessoal do que de sua atuação profissional.

Apesar de a intenção do caderno ser, de fato, a de lançar-se para fora do Rio Grande do Sul, Moreira (2015) considera que a escolha dos colaboradores se dá mais em razão do assunto que é tratado, o qual pode ser abordado de um modo mais interessante por acadêmicos de fora. Nesse sentido, Laitano (2015) reforça

que, independentemente da origem do colaborador, o objetivo é que estejam representadas no caderno as pessoas mais qualificadas, que sejam referência na área daquilo que se está tratando. Além disso, quando se chama algum colaborador, leva-se em conta o fato de saberem escrever para o grande público, com uma linguagem que não seja hermética, e de terem a agilidade para entregar o texto dentro do prazo do caderno.

Os mesmos critérios ressaltados pelos editores se aplicam na escolha das fontes. No conjunto de 16 matérias de autoria dos jornalistas da redação, identificamos um total de 51 fontes, sendo 69% destas vinculadas a universidades. Dos 35 acadêmicos correspondentes a este percentual, 28 são de instituições brasileiras e sete, de instituições de fora do país.

### Origem geográfica fontes



**Gráfico 5** Localização geográfica das instituições do quadro de fontes

Dos 28, apenas cinco são de universidades do Rio Grande do Sul - quatro da UFRGS e um da ULBRA. Os outros 23 são advindos de um leque mais amplo de estados, sendo a maioria de instituições de São Paulo e do Rio de Janeiro, havendo a predominância da Universidade de São Paulo (9) e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (6). Ainda que haja a prevalência da região sudeste, é interessante notar a presença de fontes de fora de tal eixo.

## Origem geográfica fontes brasileiras

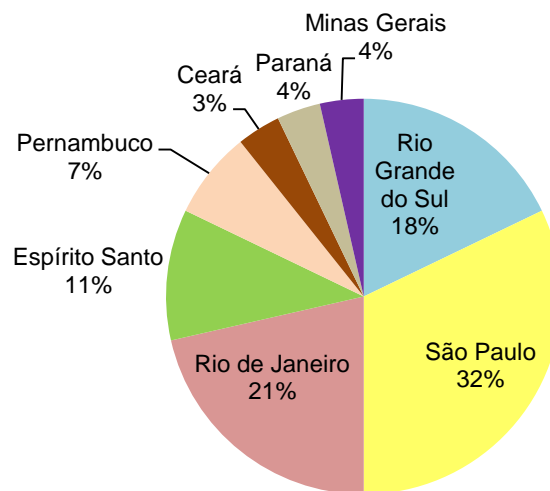


Gráfico 6 Localização geográfica das instituições do quadro de fontes brasileiras

Sem entrar no mérito nominal, classificamos as fontes acadêmicas com o intuito de saber as principais áreas evocadas pelos jornalistas para o embasamento de suas matérias. Identificamos os especialistas em 12 áreas, baseando-nos em como o caderno os apresentou ao longo dos textos: *filosofia, astronomia, psicologia/psicanálise/psiquiatria, sociologia, comunicação, antropologia, engenharia, ciência política, história, direito, economia e relações internacionais.*

## Área de atuação fontes

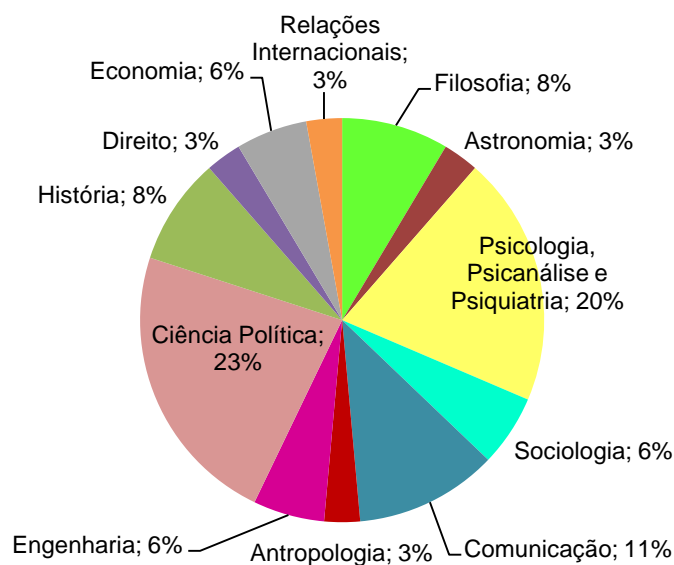


Gráfico 7 Área de atuação das fontes das matérias

Os resultados revelam a predominância de fontes que trabalham com a ciência política e a psicologia, com, respectivamente, 23% e 20% do total. Tais dados vão ao encontro dos assuntos privilegiados, que, como vimos anteriormente, contam com a predominância de temas ligados à política e ao comportamento. É, portanto, sobretudo, a partir da presença de sujeitos de tais áreas para tratar desses temas que se evidencia a atuação do caderno como um metassistema perito, o qual possibilita a manutenção da crença nos sistemas dos quais as fontes fazem parte.

### 3.6 Formatos jornalísticos

Em relação aos gêneros jornalísticos das matérias de capa do caderno *PrOA*, verificamos a predominância da *reportagem*, com 44% do total, sendo todas as matérias desse formato de autoria de jornalistas da redação. O gênero que desponta a seguir, com 26%, é o de *ensaios e artigos*, os quais têm a sua totalidade elaborada por colaboradores de fora do caderno e do jornal. As entrevistas constituem 17% das matérias, os depoimentos, 4% e as *críticas e resenhas*, 9%. Esse último dado reforça a baixa incidência de temas artísticos nas matérias de capa do suplemento, uma vez que as críticas e as resenhas geralmente aparecem atreladas a bens de consumo de tal campo.

#### Gêneros jornalísticos

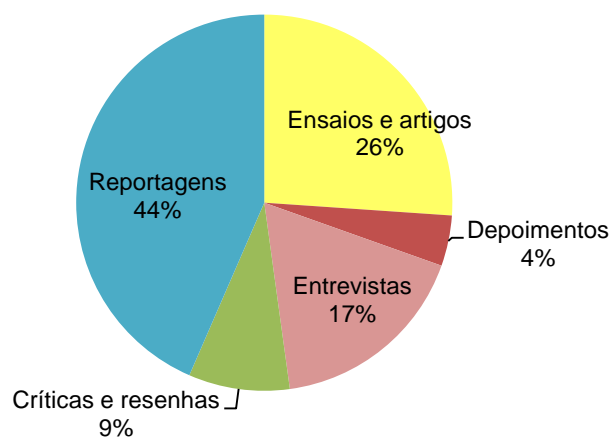


Gráfico 8 Formatos jornalísticos mais frequentes



A classificação das matérias em relação aos seus formatos poderia ser realizada ainda entre outras categorias, como *carta, coluna, crônica, ficção, fotorreportagem, fragmentos de livros, infográfico, informe e perfil*. Porém, nenhum desses gêneros figurou entre as matérias de capa do caderno.

A prevalência das reportagens e dos ensaios e artigos, normalmente os gêneros com textos de maior fôlego, corrobora, na prática, o objetivo editorial de oferecer um espaço para a pausa e para a reflexão. Inclusive, nesse sentido, Laitano (2015) relata que, às vezes, a entrevista, que aparece em terceiro lugar, é apenas uma solução para quando não há tempo de determinado colaborador enviar um artigo.

O fato de a entrevista encontrar-se em tal posição e a inexistência do formato do perfil no corpus analisado revelam, junto à baixa incidência do valor-notícia da notoriedade e ao fato de não haver personalidades em evidência nas capas, a baixa personificação efetuada pelo caderno, uma vez que são, por excelência, os gêneros que dão voz e conferem destaque a determinados sujeitos. Percebe-se, assim, que é o quadro das fontes de informação – de maioria acadêmica - presente nas reportagens o principal espaço de atribuição e de reforço de prestígio e de autoridade operado pelo caderno, que, com isso, assegura sua credibilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi procurando inferir de que modo o caderno *PrOA* construiu sua perspectiva perita em seu período de gênese e de consolidação que nos propusemos a investigar o projeto editorial do suplemento e as diversas seleções e hierarquizações efetuadas em suas páginas. Para isso, realizamos entrevistas em profundidade com os editores da publicação, acompanhamos parte de sua produção, participando, então, de uma de suas reuniões de pauta, e analisamos uma amostra representativa de suas matérias de capa.

No primeiro capítulo, com vistas a um embasamento teórico, debruçamo-nos em questões relativas ao campo jornalístico. Trabalhamos, a partir da ideia de que o jornalismo é resultado de uma construção entre diversos agentes, com as teorias que o compreendem como uma forma de conhecimento e de mediação social. Demos ênfase ao estudo de Miguel (1999), que o aponta como um sistema supostamente perito. Ou seja, o leitor mantém um contrato de crença na veracidade e nos critérios de seleção dos fatos noticiosos transmitidos pelo jornalismo, o qual, ao tratar de outros campos, atua, também, como um metassistema perito.

Aproximamos tais ideias ao nosso objeto de estudo ao realizarmos uma conceituação e uma retomada histórica dos suplementos culturais no Brasil. Vimos que estes cadernos constituem-se, geralmente, como espaços de tensão entre seu ritmo mais lento e analítico e o andamento veloz e factual das outras editoriais dos jornais. Trata-se, também, de um lugar dividido entre a produção jornalística e a produção das autoridades intelectuais, convocadas, nos suplementos, para colaborar ou para servir como fontes de informações. Tais sujeitos, com frequência, fazem parte das redes de sociabilidade do editor, figura que detém papel central na definição das configurações dos cadernos.

Finalizando o primeiro capítulo, apontamos alguns títulos de suplementos emblemáticos que passaram a circular entre os anos 1950 e 1960, período próspero, no país, para esse tipo de publicação. Em seguida, exploramos a tradição de veiculação de suplementos culturais nas páginas do jornal *Zero Hora*, que teve início no ano de 1967, com o *Caderno de Cultura*. Vimos que, depois deste, com alguns hiatos, circularam cadernos como o mensal *ZH Cultura*, retomado em 1981, e o

semanal *Cultura*, o mais longevo suplemento da imprensa diária do Rio Grande do Sul, nascido em 1992 e substituído, por fim, em 2014, pelo caderno *PrOA*.

No segundo capítulo, para apresentarmos o projeto editorial do novo suplemento, realizamos entrevistas em profundidade com os editores Carlos André Moreira e Cláudia Laitano. Discutimos as reformulações editoriais de *Zero Hora* efetuadas no seu cinquentenário, em 2014, que foram impactadas por um estudo encomendado pelo Grupo RBS, o *The Communication Revolution*. O trabalho reafirmou a necessidade de o jornal buscar diferentes frentes de se adaptar a um público engajado em novos comportamentos e formas de relação com a tecnologia.

Nascido antes do estudo, mas em virtude deste contexto de transformações, o *PrOA* substitui, portanto, o *Cultura*, um caderno que começava a se mostrar desatualizado em relação ao restante do jornal. Inserido, agora, dentro da edição dominical, que ganhou uma editoria própria, o novo suplemento cultural de ZH evidencia mudanças desde o próprio nome. *PrOA*, remetendo à dianteira do navio, transmite a ideia de um caderno que encabeça discussões e debates, lançando-se adiante geograficamente. A sonoridade semelhante à abreviatura de Porto Alegre, contudo, salienta o vínculo ainda existente com o local, algo que era privilegiado no caderno antecessor.

Em suas falas, os editores constantemente apontam com marcas superlativas diversos aspectos da constituição do *PrOA*. A equipe de repórteres, por exemplo, é formada, segundo eles, por dois dos mais qualificados jornalistas da redação. No time de colunistas, com alguns nomes de fora do Rio Grande do Sul, privilegiam-se figuras ligadas à academia. Os nomes que não possuem vínculo com universidades, os do eixo da “nova geração”, por exemplo, destacam-se por serem jovens literatos e atentos a novas formas de comportamento. A escalação das fontes baseia-se, também, no desejo dos editores de estarem em evidência especialistas de destaque na área tratada.

Por fim, a própria escolha dos temas faz parte também desta construção perita do caderno. Ao assumirem que o *PrOA* atua em um sentido de curadoria e de mediação de temas atuais, os editores evidenciam que existe uma invariável escolha e interpretação daquilo que avaliam ser o mais importante entre os assuntos da agenda para ser mostrado ao leitor, remetendo, devido à temporalidade semanal, às

marcas de uma revista. Para sustentarem essa escolha, convocam – e há, aí, novamente uma seleção - aqueles que consideram, portanto, os maiores entendedores da área, visando à garantia do efeito de credibilidade e legitimação de sua fala.

Como vimos ao longo do trabalho, a seleção de temas assemelha-se àquela que a editora Cláudia Laitano realiza em suas crônicas para o jornal, que costumam dar ênfase a um determinado assunto em destaque na semana. Foi após acompanharmos uma das reuniões de pauta do caderno que percebemos esse papel central da jornalista na concepção e na produção do suplemento, reafirmado, posteriormente, quando a entrevistamos. Apesar de seu nome raramente constar nas páginas do *PrOA*, Laitano, nomeada editora de domingo após a reformulação de ZH, atua como uma editora-chefe da publicação. O *PrOA* mostra-se fruto da liberdade que a jornalista adquiriu em face à sua experiência e à sua maturidade dentro da empresa, onde trabalha desde os anos 1980.

Ao chegarmos ao terceiro capítulo, buscamos, então, realizar uma análise de conteúdo do caderno para identificarmos de que modo são hierarquizados a escolha e o tratamento de seus temas, bem como a autoria dos textos nele presentes. Sistematizamos, para isso, o conteúdo relativo a uma amostra composta por semanas alternadas das matérias de capa do primeiro ano de circulação do *PrOA*. Levando sempre em consideração que os dados obtidos não podem ser interpretados de modo categórico, visto refletirem apenas uma parcela de publicações, acreditamos que os resultados forneceram uma visão aclaradora para os questionamentos que impulsionaram e percorreram a pesquisa.

Na procura de mapear os temas privilegiados pelo caderno, vimos que a política, principalmente a brasileira, e o comportamento são os assuntos com maior incidência. Associamos tal resultado com o contexto de nascimento do *PrOA*, marcado por uma série de movimentações políticas alavancadas, sobretudo, pelas manifestações de junho de 2013. Neste cenário difuso, consideravelmente impactado pelas redes e pelas novas tecnologias, o suplemento demonstra, de fato, seu propósito de atuar em um sentido de curadoria, identificando e analisando novos comportamentos e condutas gerais da sociedade.

Entre as justificativas mais usuais no processo de seleção de pautas, encontra-se, em primeiro lugar, a efeméride. Normalmente associado a assuntos do passado, percebemos que tal gancho encontra-se, contudo, de modo peculiar no caderno, havendo, em suas matérias, poucos afastamentos temporais significativos. A efeméride aparece predominantemente interligada a datas próximas, reafirmando o vínculo do *ProA* com questões da atualidade. O segundo gancho de maior relevo é o de fatos jornalísticos de fora da área cultural, corroborando sua proposta de elasticidade do conceito de cultura, o qual, nos suplementos, com frequência aparece atrelado às sete artes. Quanto aos valores-notícia, o tempo desponta como o valor predominante, a partir, sobretudo, do eixo da atualidade e da efeméride, que, como percebemos ao tratar dos ganchos, ainda que costume vincular-se a temas do passado, aqui, articula-se principalmente com temas presentes.

A prevalência da autoria dos jornalistas, vinculada ao predomínio do formato da reportagem, demonstra a intenção editorial do caderno de, a partir da marca autoral jornalística, corresponder a uma demanda da sociedade pela perenidade que tal gênero oferece. Neste caso, vimos que os jornalistas convocam, sobretudo, fontes peritas acadêmicas, as quais, em maioria, são vinculadas a instituições universitárias de São Paulo e do Rio de Janeiro. Em sua atuação como um metassistema perito, o caderno dá voz principalmente a sujeitos ligados à ciência política e à psicologia. Oferece ao leitor, assim, a possibilidade de reafirmação ou não de sua crença nesses sistemas.

De um modo geral, em uma comparação que demandaria uma análise mais extensa e apurada, percebemos que o *ProA* atua em sentido contrário a muitas características do caderno antecessor. Notamos o baixo destaque para temas ligados às artes, considerando que o *Cultura* valorizava, sobretudo, a literatura e o mercado editorial. Se este se ancorava, a partir do tratamento de tais temas, principalmente no gancho de lançamentos, estreias e eventos, o *ProA*, agora, apoia-se em efemérides ligadas a fatos recentes e em fatos jornalísticos de fora da área cultural.

Com uma equipe própria, algo que não havia no *Cultura*, o novo suplemento conta com a saliência da marca jornalística nas suas reportagens, reduzindo a presença de textos de colaboradores e, conseqüentemente, a concessão e o reforço

de prestígio aos notórios. A expansão geográfica pretendida pelo novo caderno pode ser observada desde a escolha de temas até o elenco de fontes e de colaboradores.

Em uma época em que a transmissão e o recebimento de informações adquirem uma velocidade vultosa, impactando significativamente os hábitos de leitura, a constituição do *PrOA* pode ser vista como um receptáculo dessas transformações. As tendências sociais e políticas, que ganham espaço privilegiado no caderno, possuem uma identificação e um acesso mais imediatos no cotidiano do leitor, que, inevitavelmente, insere-se nessa realidade coletiva representada no caderno.

Tal cenário, entretanto, não prescinde de reflexão. A prevalência de gêneros jornalísticos de maior fôlego responde a tal necessidade. Além disso, a considerável presença do valor da efeméride vinculado a temas da atualidade indica o papel do suplemento como agente construtor de uma memória social adaptada a tal quadro. Quando a obsolescência natural das notícias adquire tamanha celeridade, o jornal, em vez de findá-lo, molda seu suplemento para que este, então, interprete essa nova realidade e finque aquilo que não deve ser tão depressa esquecido.

Vale, contudo, questionar tal iniciativa vista como mais uma das formas de captação de audiência para o jornal. No momento em que o caderno configura-se como um nicho que propõe discussões que nem sempre aparecem nas editoriais diárias e assume-se com um caráter “progressista”, impactado por recentes manifestações políticas, transparece também o desejo da empresa de agradar os mais diferentes perfis de leitores.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: \_\_\_\_\_ et al. (org). **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 13-60.

BASSO, E.C. **Jornalismo cultural: uma análise sobre o campo**. Brasília: XXIX Intercom, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARDOSO, Everton. **Enciclopédia para formar leitores: a cultura na gênese do Caderno de Sábado do Correio do Povo (Porto Alegre, 1967-1969)**. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

COHN, Sergio. **Revistas de invenção: 100 revistas de cultura do modernismo ao século XXI**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2011.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009, p. 62-83.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **O jornalismo no conglomerado de mídia: reestruturação produtiva sob o capitalismo global**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão (SE): Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Paulus, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1989. 2ª ed.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton; SIRENA, Mariana; LINHARES, Bruna. O arquivo no espaço do efêmero: a consolidação do formato suplemento cultural na imprensa

do RS em 1967. **Dossiê Mídia, Intelectuais e Política** – v. 16, n. 2, p. 107-124, mai./ago. 2013.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton; MÜLLER, Mariana; SIRENA, Mariana; WARMLING, Cíntia. Índice jornalístico da cultura em suplementos: panorâmica editorial do caderno Cultura de *Zero Hora* (2006-2009). **Anais 12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)**, Santa Cruz do Sul, 2014.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton; KELLER, Sara; MUZYKANT, Priscila. Jornalismo e sistema cultural: a identidade das fontes na cobertura de cultura do jornal Diário do Sul (Porto Alegre, 1986-1988). **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, ano 32, n. 54, p. 127-147, jul./dez. 2010.

GOMES, Greice Rosane. **A cultura no jornalismo econômico**: análise do caderno *Eu&Fim de Semana* do jornal Valor Econômico. Monografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

GRUSZYNSKI, Ana; LINDEMANN, Cristiane; OLIVEIRA, Cássia. **Virando-se por leitores**: a reforma editorial e gráfica do jornal *Zero Hora* no cenário de convergência (2014).

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. (org). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2010. 3. ed. p. 123-142.

KELLER, Sara. **Um mapa da vida cultural no Rio Grande do Sul**: análise do caderno Cultura, de *Zero Hora*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

LAITANO, Cláudia. Entrevista concedida a Júlia Corrêa da Rocha. Porto Alegre, 13 maio. 2015.

MIGUEL, Luis Felipe. **O jornalismo como sistema perito**. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v.11, n. 1, p. 197-208, 1999.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: UFSC, 1992.

MOREIRA, Carlos André. Entrevista concedida a Júlia Corrêa da Rocha. Porto Alegre, 20 abr. 2015.



NINA, Claudia. **Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas.** São Paulo: Summus, 2007.

PEREIRA. Conversando com jornalistas: a perspectiva do interacionismo simbólico. In: MAROCCO, Beatriz. (org). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa.** Porto Alegre: Libretos Universidade, 2012. p. 31-46.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural.** 4. Ed. - São Paulo: Contexto, 2011. (Coleção comunicação).

SANTIAGO, Silviano. **Crítica Literária e Jornal na Pós-Modernidade.** In: Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, v. 1, ano 1, 1993, p. 11-17.

SANT'ANNA, Lourival. **O destino do jornal: a folha de S. Paulo, O Globo e o Estado de S. Paulo na sociedade de informação.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2005. V. 1.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis: Insular, 2004-2005. V. 2.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

**ANEXO I – Planilha quantitativa da distribuição temática das matérias de capa**

	Política	Comportamento	Comunicação	Hist	Soc.	Psicologia	Direito	Econ.	Cidadania	Ecologia	Tecn	Retrosp.	Antrop.	Livros	Cinema
Mai		•			•	•									
Jun	•				•				•						
Jun	•				•				•						
Jun	•				•				•						
Jul	•	•	•												
Jul	•	•	•												
Ago		•				•									
Ago		•											•		
Set		•	•												
Set		•	•				•								
Set		•	•				•								
Out		•				•									
Out		•	•			•									
Nov	•			•											
Nov	•			•										•	
Dez	•	•								•		•			
Jan	•	•						•			•				
Fev	•							•							
Fev	•							•							
Mar	•			•											
Abr	•			•											
Abr	•			•											
Abr	•			•											•
<b>TOTAL</b>	15	12	6	6	4	4	2	3	3	1	1	1	1	1	1

**ANEXO II – Planilha quantitativa de ganchos jornalísticos**

	Lançamentos e eventos	Polêmica	Morte	Fatos jorn. fora do campo cultural	Efeméride	Sem gancho
Maio						•
Junho					•	
Junho					•	
Junho					•	
Julho				•		
Julho				•		
Agosto		•				
Agosto		•				
Setembro		•				
Setembro		•				
Setembro		•				
Outubro					•	
Outubro					•	
Novembro				•		
Novembro	•					
Dezembro					•	
Janeiro					•	
Fevereiro				•		
Fevereiro				•		
Março					•	
Abril					•	
Abril					•	
Abril					•	
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>5</b>		<b>5</b>	<b>11</b>	<b>1</b>

**ANEXO III – Planilha quantitativa de ocorrências de valores-notícia**

	Inesp	Infração	Morte	Notab.	Notoriedade	Novidade	Polêmica	Proxim.	Relevância	Tempo – atual.	Tempo - cont.	Tempo – efem.
Mai										•		
Jun									•			•
Jun									•			•
Jun									•			•
Jul						•				•		
Jul					•	•				•		
Ago							•			•		
Ago							•			•		
Set		•		•			•			•		
Set		•					•			•		
Set		•					•			•		
Out									•	•		•
Out				•		•				•		•
Nov		•	•	•		•	•		•			
Nov		•	•	•		•						
Dez		•					•			•		•
Jan						•				•		•
Fev				•		•	•			•		
Fev					•	•				•		
Mar									•			•
Abr		•	•	•			•					•
Abr		•	•	•				•				•
Abr		•	•	•								•
TOTAL		9	5	8	2	8	9	1	6	14		11

**ANEXO IV – Planilha quantitativa da autoria dos textos do caderno**

	Jornalistas da redação	Acadêmicos	Outros
Mai	•		
Jun	•		
Jun	•		
Jun	•		
Jul	•		
Jul	•		
Ago	•		
Ago		•	
Set		•	
Set		•	
Set		•	
Out			•
Out			•
Nov	•		
Nov	•		
Dez	•		
Jan	•		
Fev	•		
Fev	•		
Mar	•		
Abr	•		
Abr			•
Abr	•		
TOTAL	16	4	3

**ANEXO V – Planilha quantitativa de gêneros jornalísticos**

	Reportagens	Entrevistas	Ensaaios e artigos	Críticas e resenhas	Depoimentos	Perfil	Ficção	Fotoreport.	Carta	Frag. de livros
Mai	•									
Jun	•									
Jun		•								
Jun		•								
Jul	•									
Jul		•								
Ago	•									
Ago			•							
Set			•							
Set			•							
Set			•							
Out			•							
Out			•							
Nov	•									
Nov				•						
Dez	•									
Jan	•									
Fev	•									
Fev		•								
Mar	•									
Abr	•									
Abr					•					
Abr				•						
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>1</b>					